

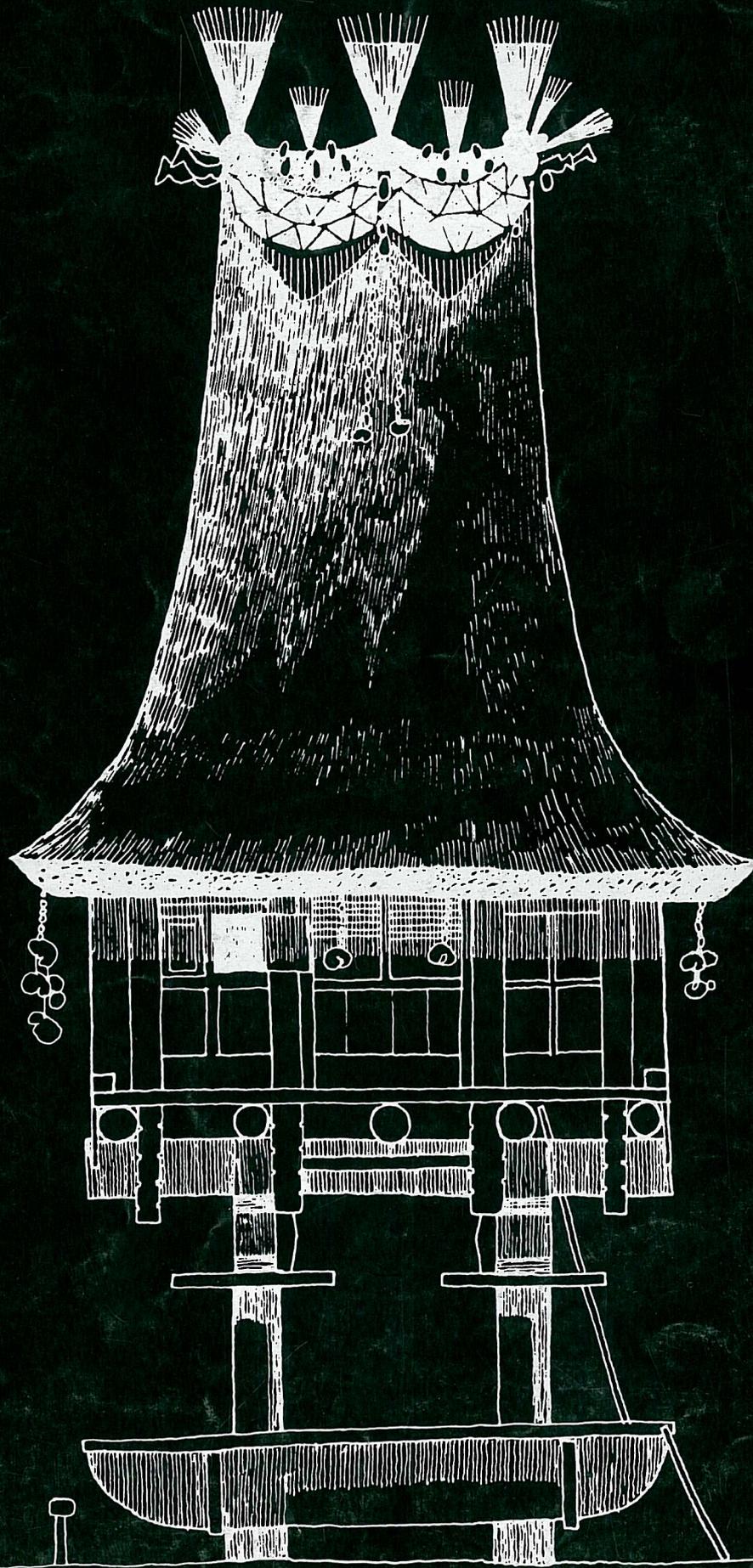
J O R N A L

# ARQUITECTOS

# TIMOR

Cultura e Arquitectura

105



Ano X - N.º 105, Novembro 91 - Publicação mensal da Associação dos Arquitectos Portugueses  
Director: F. Silva Dias - Director Adjunto: João Nasí Pereira - Preço 300\$000

# A SOLUÇÃO PRAXIS.



Linha estruturante dos espaços  
não confinados.

Sistema funcional para um novo  
conceito de espaço.

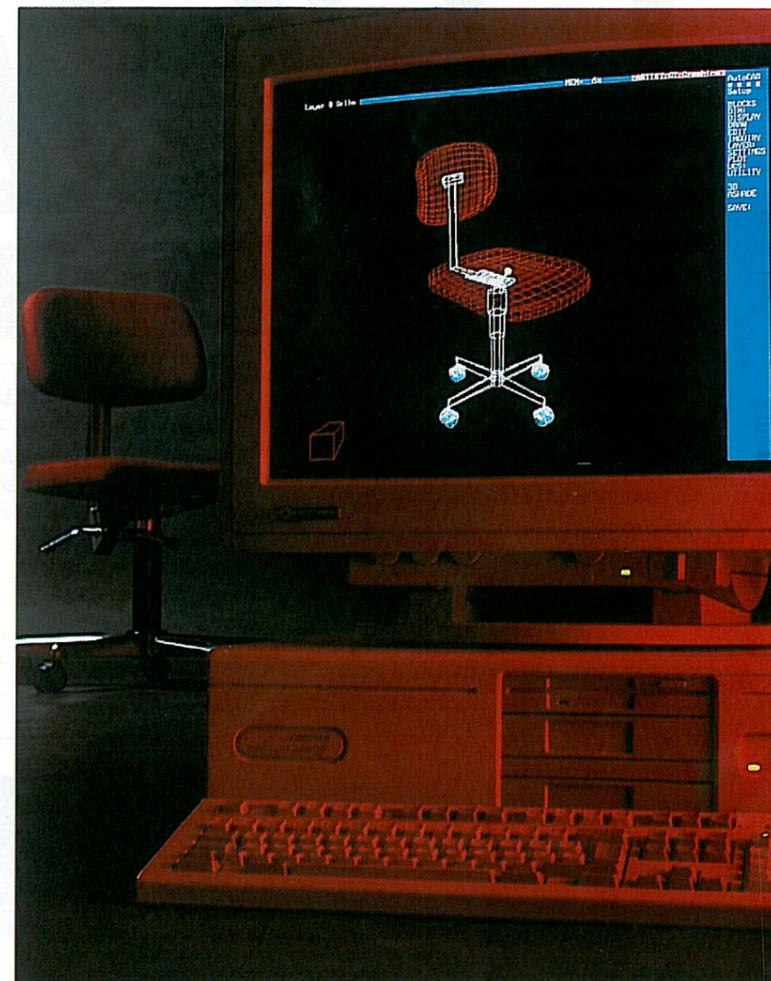
## PRÁXIS

## LONGRA

A CULTURA DO ESPAÇO



# AUTOCAD<sup>®</sup>



Versão 11. mais produtividade,  
mais versatilidade, a nova versão  
do AUTOCAD está já disponível  
para computadores 386.  
Conheça-a num :

"AGENTE AUTORIZADO AUTOCAD"



AGENTES :

AVEIRO: S.V. SOLUÇÕES VERTICAIS

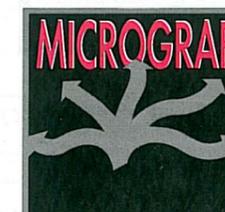
BRAGA: BIOS

COIMBRA: LOGOMÁTICA

LISBOA: APLICAD, BEREMIZ, COMPUTERLAND, INFORNOVA,  
MAGNETRON, PROLOGICA, STEI

MARINHA  
GRANDE: CAAM

PORTO: ATM INFORMÁTICA, BEREMIZ, IPERSOFT, MICROCAD



Empresa de Distribuição de  
Microinformática e Grafismo, Lda.  
DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL

# LECA

## ABOBADILHAS

### O que é a Leca

A Leca é um agregado ligeiro de argila expandida em grânulos com uma estrutura interna celular e uma dura e resistente superfície externa. Os grânulos são de forma arredondada e isentos de materiais orgânicos, combustíveis ou poluentes.

### Qualidades

Resistente à compressão  
 Isolante térmico e acústico  
 Estabilidade dimensional e impermeabilidade  
 Inerte químico e físico  
 Facilidade de trabalho  
 Resistente ao fogo  
 Baixo peso específico

### Características



**ISOLAMENTO**  
 A abobadilha Leca pela estrutura celular fechada da Argila Expandida, apresenta excelentes propriedades de **Isolamento Térmico e Acústico** e a sua utilização em lages, contribui para **Melhorar o Conforto e Economizar Energia**.



**RESISTÊNCIA**  
 A abobadilha Leca é um produto de **Betão Leve**, que pelas características dos seus inertes, apresenta **Elevada Resistência Mecânica**, confere menores pesos próprios às estruturas, garante **Maior Segurança** no trabalho em obra e cumpre a especificação exigida pelo L.N.E.C. para este produto.



**RENTABILIDADE**  
 A abobadilha Leca, sendo um produto **Com Preços Competitivos**, a sua utilização em pavimentos pré-esforçados ou armados, apresenta **Maior Rentabilidade** no custo final da Laga. Pela sua leveza e movimentação paletizada, **Economiza Mão de Obra**. Pela sua configuração geométrica **Reduz os Consumos** de betão de enchimento e argamassa de revestimento.

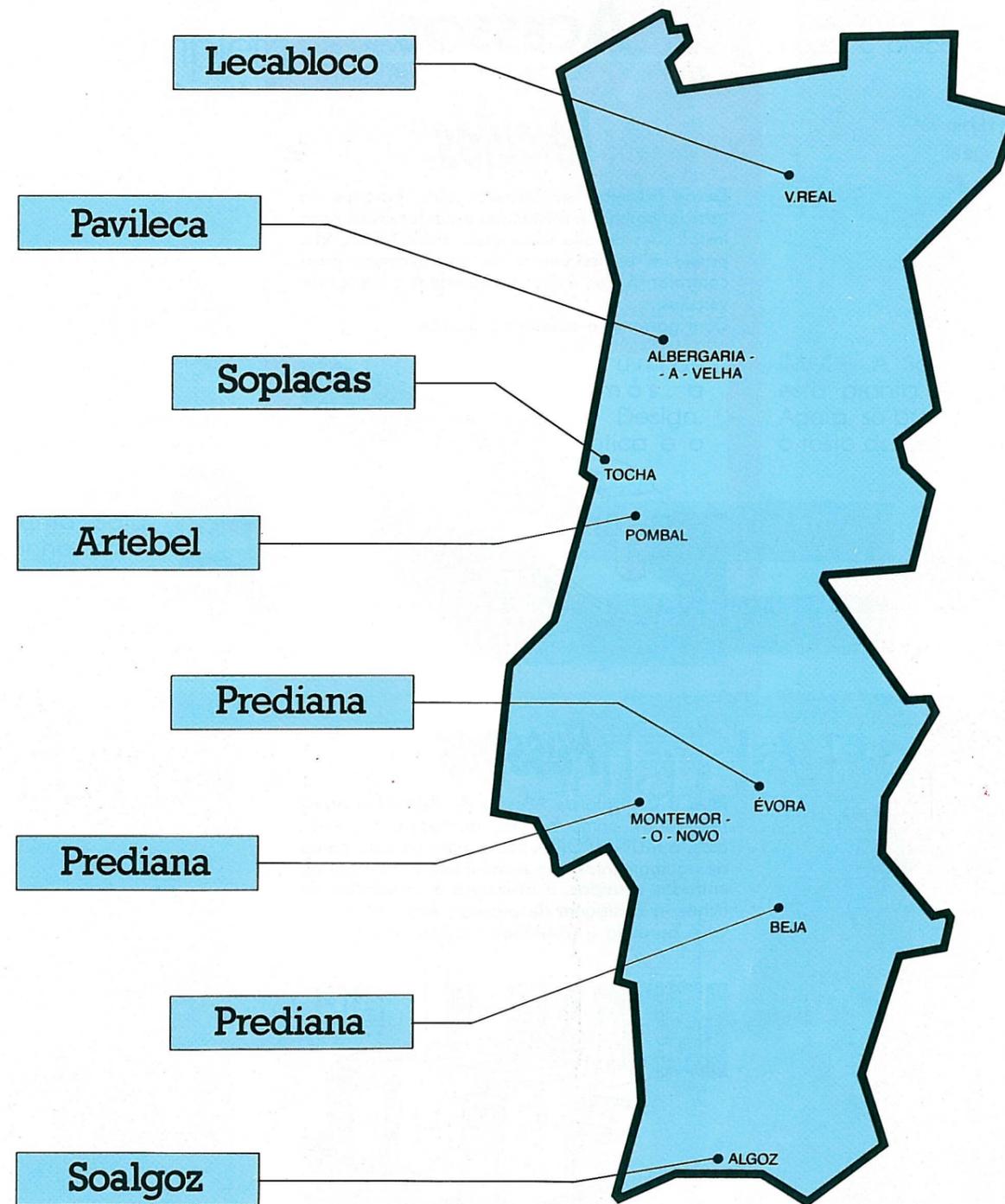


**RESISTÊNCIA AO FOGO**  
 As abobadilhas Leca conferem aos pavimentos e coberturas **Excelente Comportamento ao Fogo** sendo a sua resistência superior aos materiais tradicionais.

**COMPORTEMENTO**  
 A abobadilha Leca apresenta **Maior Homogeneidade** no comportamento integral da laga dispondo de **Boa Aderência** aos materiais complementares. O seu desempenho melhorado, face aos revestimentos tradicionais de lages aligeiradas, é favorecida pela pouca higroscópicidade da Abobadilha Leca.

Cumpra o Decreto Lei N.º 40/90 (condições térmicas dos edifícios)

## FÁBRICAS LICENCIADAS



### DESEJO MAIS INFORMAÇÕES:

NOME \_\_\_\_\_  
 EMPRESA \_\_\_\_\_ CARGO \_\_\_\_\_  
 MORADA \_\_\_\_\_  
 LOCALIDADE \_\_\_\_\_  
 CÓDIGO POSTAL \_\_\_\_\_ TELEFONE \_\_\_\_\_



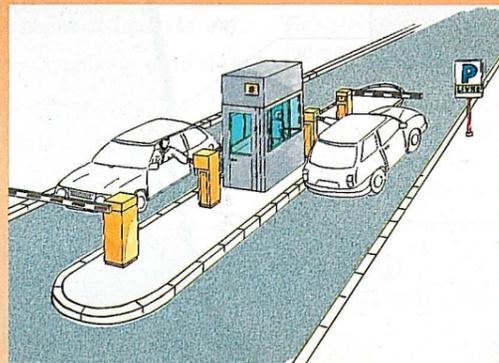
EM TODA A CONSTRUÇÃO

## CONTROLO DE ACESSOS

### Veículos

Desde barreiras automáticas para parques de estacionamento a obstáculos escamoteáveis para instalações de alta segurança, a MUNDIPORTA possui os equipamentos de que necessita para controlar, dirigir, limitar ou interditar o acesso de veículos.

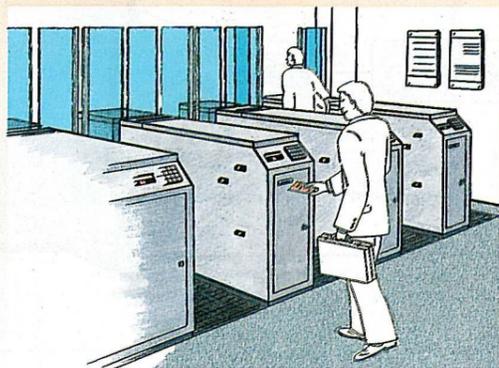
Com garantia e assistência técnica.



### Pessoas

Para o Controlo de Acessos de Pessoas a áreas reservadas, como bancos, aeroportos ou estádios, a MUNDIPORTA possui uma variada gama de equipamentos que possibilitam o controlo de entradas e saídas, a utilização de avaliador de fichas, a contagem de pessoas, etc.

Com garantia e assistência técnica.

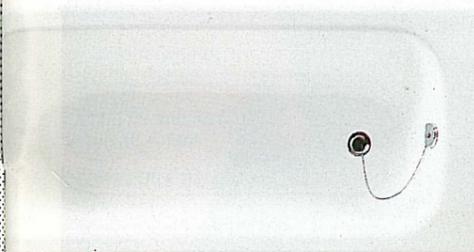


**MUNDIPORTA**  
AUTOMATISMOS E PORTAS

**Indústria e Comércio de Portas, S.A.**  
Rua Jorge Colaço, 21 A/B • 1700 LISBOA  
Tels.: 847 12 90 • 847 19 29 • 847 33 51/2/3/4/5/6  
Telex: 12769 MUPOR P • Fax: 80 95 07

# Image

## Linha Completa de Sala de Banho.



Agora, já não é preciso construir uma Sala de Banho peça a peça.

Unimo-nos para criar uma Sala de Banho completa. Aquilo que era um espaço em branco,



VALADARES



conta agora com a qualidade

dos pavimentos CINCA e revestimentos CIC, das banheiras e torneiras OLIVA e das loiças e acessórios VA-

LADARES, que também fornece o mobiliário.

Juntamos a Funcionalidade ao Design. Combinámos a Estética e o

Conforto. Conjugámos as linhas, as formas, as texturas e as cores.

Associámos a qualidade, o preço e a absoluta

eficiência nos prazos de entrega.

Por isso tornámos a sua vida

mais prática.

Da nossa união nasceu a linha

IMAGE. A Sala de Banho já está pronta. À sua medida.

Agora, só precisa de construir o resto da casa.



## A União Faz a Sala de Banho.





A perfeita estabilidade dimensional e um corte impecável, fazem desta alcatifa em mosaicos um produto de alta qualidade, resistência e beleza



**FORBO PERGOL, SA**

Rua Sá da Bandeira, 342 — 4000 Porto  
Telef.: 32 43 02/32 44 50  
Telex: 22364 Marito P — Fax: 56 54 53

Rua Latino Coelho, 8A/8B — 1000 Lisboa  
Telef. 356 32 04/7  
Telex: 16456 Pergol P — Fax 57 75 14

Rua D. Estefânia, 163-C — 1000 Lisboa  
Telef.: 54 60 10

J O R N A L  
**ARQUITECTOS**

PROPRIEDADE DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES (AAP)

**DIRECTOR:**  
Francisco da Silva Dias (Presidente do CDN)

**DIRECTOR ADJUNTO:**  
João Nasi Pereira

**CHEFE DE REDACÇÃO:**  
Margarida Colaço

**SECRETÁRIA DE REDACÇÃO:**  
Fátima Cecílio

**CONSELHO DE REDACÇÃO:**  
Manuel Queiroz - CDN  
Vasco Massapina - CDR Sul  
Rosário Rodrigues - CDR Norte

**COLABORAM NESTE NÚMERO:**  
Ana Isabel Ribeiro,  
Fátima Coelho  
Fátima Conceição Silva  
Leopoldo de Almeida  
Luis Pereira  
Mário Chaves  
Susana Godinho  
Teresa Dantas  
Victor Neves

**FOTOGRAFIA:**  
João Santos  
Mário Soares  
Luis Maria Gonçalves  
Paulo Taveira  
Paulo Valente

**RELAÇÕES PÚBLICAS, MARKETING E PUBLICIDADE**  
Mária de Lurdes Melo

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**  
Rua Barata Salgueiro, 36  
1200 Lisboa  
Telef: 352 64 45 - 352 86 08  
Fax - 54 36 67

**GRAFISMO:**  
João Carlos Mendes

**PRODUÇÃO:**  
Comunicando - Comunicação e Informação, Lda  
Rua dos Douradores, 202 - 4º Esq.  
1100 Lisboa  
Telef: 87 55 92 - 87 54 60 Fax: 87 54 60

**EXECUÇÃO GRÁFICA:**  
Henrigráfica, Lda  
Rua D. Carlos I, 31 - 1º  
Laranjeiro 2800 Almada  
Tel: 229 0174 Fax 2290174

**IMPRESSÃO:**  
Imprinter, SA  
Rua Sacadura Cabral, 26/30  
1495 Lisboa  
Telef: 419 80 65

**TIRAGEM:** 6.000 exemplares  
Depósito Legal Nº 2762689  
ISSN 0870-1504 O AAP

**DISTRIBUIÇÃO:**  
Midesa Marco Ibéria  
Distribucion de Ediciones, S.A.  
Rua Dr. José Espírito Santo, Lote 1 - A  
Tel: 859 67 39 - 859 67 57 - 859 66 29  
Telex - 64 861 MIDESA P - 1900 Lisboa



21-2-92

**E**nquanto os arquitectos buscam as formas próprias da sua solidariedade, o JA avança o contributo possível: revisitar, visitando trabalho de arquitectos, cultura e gentes timorenses. Porque a tragédia de Timor nos parece incontornável.

Porque, na coragem da intransigente dignidade acordámos a nossa indignação.

Apesar da incomodidade. Mau grado a armadilha da banalização. Por isso, excepcionalmente, renunciamos a mais editorial. Melhor, mobilizámos esta (outra) voz de arquitecto (da palavra, da música). Vestida de negro:

**TODOS NÓS SOMOS TIMOR \***

*Todos nós fomos manchados pelo sangue nos jornais pela loucura dos soldados pelo riso dos generais.*

*Todos nós fomos chamados pela voz negra do refrão dos corpos silenciados derramados pelo chão.*

*Todos nós fomos tocados pelo cálice da dor dos meninos emboscados nas montanhas de Timor.*

*Todos nós fomos tocados Todos nós somos Timor*

*Todos nós fomos manchados pelo horror dos editais pelos sorrisos devastados no ofícios dos punhais.*

*Todos nós fomos chamados a lembrar a clara luz desses olhos apagados sob o céu de Santa Cruz.*

*Todos nós fomos tocados pelo cálice da dor dos meninos emboscados nas montanhas de Timor.*

*Todos nós fomos tocados Todos nós somos Timor*

\* Canção de José Fanha e Carlos Mendes que, um dia destes, os jovens da Escola Secundária José Afonso vão cantar e gravar em disco promovido pela escola e apoiado pela Câmara de Loures.

João Nasi Pereira

**EDITORIAL**

**SUMÁRIO**

**Calendário/Concursos**

pág. 10 a 12

**Actual**

pág. 13 e 14

**Banhos S. Paulo**

pág. 15

**Bienal de Veneza**

pág. 18 e 19

**Timor**

Cultura e Arquitectura

pág. 20 a 27

**Cassiano Branco e o Eden**

pág. 28 e 29

**Leituras**

pág. 31 e 32

**Associados/Contencioso**

pág. 33 e 34

**Fiscal/Construção**

pág. 35 e 36



Capa: Alçado da casa da primeira mulher do chefe de Suco de Raça - Timor



# CRUZFER

GRUPO GRETSCH-UNITAS



No limiar de 1992 acompanhando a modernidade e a tecnologia da Europa Central, a **CRUZFER** apresenta em Portugal o seguinte programa:



— Ferragens para alumínio, madeira e PVC



— Ferragens para alumínio e madeira



— Molas de porta, fechaduras (antipânico e corta-fogo)  
— Mestragens «Master-Key»  
— Cilindros descentrados — série PZ88



— Persianas exteriores orientáveis 80 e 60 mm  
— Persianas 25 mm para colocar entre vidros



— Para resolução da falta de espaço e criação de espaços privados  
— Para divisão de salas de reuniões  
— Para dividir a sala de estar da sala de jantar

Solicitamos informações sobre o programa «CRUZFER»  
Nome .....  
Empresa ..... R. Sacadura Cabral, 73 s/c  
Morada ..... 1495 LISBOA  
Telefone ..... Tels. (01) 415 08 06-415 07 83  
Fax (01) 419 78 58

## CONGRESSOS

**9 e 10 Dezembro 91**  
**ÁGUAS MINERAIS, NATURAIS E DE NASCENTE**  
Lisboa

Esta reunião está integrada no ciclo de realizações preparatórias do 1º Congresso da Água. Organizada pela Associação Portuguesa de Recursos Hídricos, conta com o apoio da Direcção-Geral de Geologia e Minas e da Associação Nacional das Águas Minero-Medicinais e de Mesa. Este encontro tem por objectivo promover a discussão dos problemas existentes neste domínio e dirige-se a todos quantos se interessam pelo tema; decorrerá nos dias acima citados, nas instalações da Direcção-Geral dos Recursos Naturais, em Lisboa na Av. Almirante Gago Coutinho, 30

**Informações:** A.P.R.H. ao c/ L.N.E.C. na Av. do Brasil, 101, 1799 Lisboa Codex  
Tele: 8482131 ext. 2428

**9 a 11 de Março 1992**  
**1º CONGRESSO DA ÁGUA - O ESTADO DA ÁGUA EM PORTUGAL**  
Lisboa

A Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos promove o Congresso que representa a síntese final de um ciclo de reuniões que abordaram importantes temas sectoriais e/ou regionais. Ao promover a análise e discussão dos problemas existentes neste domínio e a formulação, técnica e cientificamente fundamentada das suas possíveis soluções, o Congresso poderá dar uma significativa contribuição para uma evolução positiva na gestão da água em Portugal. O Congresso decorrerá em Lisboa no Centro de Congressos da F.I.L.

**Informações:** A.P.R.H. tel: 8482131 ext. 2428

**20 a 24 de Abril de 1992**  
**V CONGRÉS IBEROAMERICÀ D'URBANISME**  
Valência

Este Congresso dedicado ao tema "A Gestão das Cidades", será uma ocasião importante

para a reflexão e análise do fenómeno urbano, especialmente na forma de gerir as cidades, facto que se apresenta dramático para alguns países, às portas do próximo milénio. Esta edição fecha uma etapa de oito anos e cinco congressos promovidos pela Asociación Española de Técnicos Urbanistas (A.E.T.U.), que tiveram como sede Sevilha (1984), Tlaxcala - México (1986), Barcelona (1988), Santiago do Cuba (1990) e em 1992 Valência. As línguas oficiais do Congresso serão o Valenciano, o Espanhol e o Português.

**Informações:** Conselheria d'Obres Públiques, Urbanisme i Transports - Basco Ibañez, 50, 46010 - Valencia - Tel: (96) 3862373 Fax: (96) 3866404

Comissió per el V Centenari del Descobrimet d'América. Encontre de Dos Mons. - Pl. Músic Albéniz, 11, 2ª - 46010 Valencia - tel: (96) 3615651 Fax: (96) 361 5675

## CONFERÊNCIAS

**19 Nov. 1991 a 22 Jun. 92**  
**FORUM URBANISMO / URBE**

O Forum do Urbanismo é um programa de oito conferências mensais com a duração de um dia, que tem por objectivo transmitir informação a debater temas de planeamento e gestão urbana. Revelam neste 1º Forum questões conexas com a realização de Planos Directores Municipais.

**Informações:** suplementares podem ser obtidas pelos telefones 347 00 17 e 347 0375 (tb fax).

É responsável pela organização a Drª Madalena Viana.

**4 de Dezembro a 22 de Abril de 1992**  
**CICLO DE CONFERÊNCIAS - PERCURSOS DE CARREIRA**  
Lisboa

A Associação dos Arquitectos Portugueses - Secção Regional do Sul, organiza, de Dezembro a Abril, no Instituto Franco - Português, na Av. Luis Bivar, 91 em Lisboa, pelas 21.30, um

ciclo de conferências sobre os "Percurso de Carreira" de alguns arquitectos. Neste ciclo, participam os arquitectos: Hestnes Ferreira - 4 Dezembro  
Manuel Vicente - 18 Dezembro  
Frederico George - 8 Janeiro  
Manuel Tainha - 22 Janeiro  
Pancho Guedes - 5 Fevereiro  
Victor Figueiredo - 19 Fevereiro  
Chorão Ramalho - 11 Março  
Bartolomeu Costa Cabral - 25 Março  
Maurício Vasconcelos - 8 Abril  
Luis Cunha - 22 Abril

**Informações:** Associação dos Arquitectos Portugueses - Telef: 395 14 01/2/3

**4 a 7 de Janeiro 1992**  
**PLATINIUM JUBILEE CELEBRATIONS AND INTERNATIONAL CONFERENCE ON ARCHITECTURAL HERITAGE**  
Bombain - Índia

O Instituto Indiano de Arquitectura (IIA) completa 75 anos em 1992. Para celebrar esta data o IIA planeou um ambicioso programa em todo o país, cuja inauguração terá lugar no Centro Nehru em Bombain, no dia 4 de Janeiro.

Ao organizar esta comemoração o IIA convida-o a nela participar e a conhecer a rica herança arquitectónica indiana, o que será enriquecido com conferências pré e pós visitas aos locais previstos no programa.

**Informações:** Instituto Indiano de Arquitectura (falar c/ Madhav Deobhakta, presidente do IIA) Dr. D. N. Road, Fort, Bombay 400 001 tel. 2046972/232516 Fax: 2024202/2024001

**11 a 14 de Março 1992**  
**"V SIMPÓSIO LUSO - BRASILEIRO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL - V SILUBESA"**  
Lisboa

A Associação dos Recursos Hídricos e a Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental promovem este simpósio que tem como objectivo contribuir para a evolução dos conhecimentos no âmbito da engenharia sa-

nitária e ambiental, promovendo o intercâmbio de experiências e informações técnicas entre Portugal e o Brasil.

**Informações:** A.P.R.H. telf: 8482131 - ext. 2428

**10 a 13 de Junho de 1992**  
**PUBLIC DESIGN'92 INTERNATIONAL TRADE FAIR FOR INTERIOR AND EXTERIOR DESIGN**  
Frankfurt - Alemanha

O objectivo deste novo encontro será oferecer um agradável e humanizado ambiente para além da esfera privada, tendo em conta as mais altas expectativas do problema estético. A experiência na discussão do design mostra a qualidade arquitectónica e o contributo para uma consciencialização da identificação social. Este resultado mostra uma motivação e, consequentemente, representa a positiva contribuição do sucesso empresarial.

**Informações:** Messe Frankfurt GmbH, Public Design, - Ludwig - Erhard - Anlage I, D-6000 Frankfurt 1  
Tel: 49 69 7575-6292/6534

## FEIRAS

**9 a 13 de Dezembro**  
**VII EXPO TÉCNICO**  
Lisboa

A exemplo do que tem sido feito em anos anteriores, vai ter lugar no Pavilhão Central do Instituto Superior Técnico a sétima edição da "Expo Técnico", realização da Secção Digital da Associação de Estudantes do IST.

Esta iniciativa tem como objectivos:  
- sensibilizar a população estudantil para as novas tecnologias e para as suas implicações, quer sociais, quer económicas;  
- divulgar o curso de Electrotecnia e Computadores junto do meio empresarial, permitindo estreitar os laços de colaboração entre a Universidade e a Indústria.

**Informações:** Associação de Estudantes do IST  
Av. Rovisco Pais - 1000 Lisboa  
Tel: 8481018 / 8489323

# CONCURSOS

## SEM PARTICIPAÇÃO DA AAP

CONCURSO PARA O PLANO DE PORMENOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS E ZONA ENVOLVENTE - LISBOA

CONCURSO PARA O PLANO DE PORMENOR DA ÁREA DA ESTRADA DALUZ/AV. LUSIADA/AZINHAGADAS GALHARDAS - LISBOA

CONCURSO PARA O CASTELO DA AMIEIRA DO TEJO - NISA

CONCURSO PARA O PROJECTO DE ALTERAÇÃO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA - LISBOA

## CONCURSOS A DECORRER

### ARQUITECTURA EM TERRA - SILVES

Entidade Promotora - DGEMN  
Data de abertura - Setembro 1991  
Repres./AAP no Júri - Arqtº Fausto Simões  
Assessoria simples da AAP

### CONCURSO PÚBLICO PARA ELABORAÇÃO DO PROJECTO DAS INSTALAÇÕES NO ALTO DA AJUDA DA FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA - LISBOA

Entidade Promotora - U.T.L.  
Data de abertura - Setembro 1991  
Repres./AAP no Júri - Arqtº João Carrilho da Graça  
Sem assessoria da AAP

### CONCURSO DE IDEIAS PARA A ZONA NASCENTE DA ENCOSTA DO RESTELO - LISBOA

Entidade Promotora - EPUL  
Data de abertura - Outubro 1991  
Repres./AAP no Júri - Arqtº João Santa-Rita  
Assessoria simples da AAP

### CONCURSO DE IDEIAS PARA A ELABORAÇÃO DO PROJECTO DE CONSTRUÇÃO DAS INSTALAÇÕES DO INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO - COÍMBRA

Entidade Promotora - Inst.Polit. Coimbra  
Data de abertura - Outubro 1991  
Repres./AAP no Júri - Arqtº J. Santiago Faria  
Sem assessoria da AAP

### CONCURSO DE IDEIAS PARA A ELABORAÇÃO DO PROJECTO DE RESIDÊNCIAS PARA ESTUDANTES DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE COÍMBRA - COÍMBRA

Entidade Promotora - Inst.Polit. Coimbra  
Data de abertura - Outubro 1991  
Repres./AAP no Júri - Arqtº Victor Mestre  
Sem assessoria da AAP

### CONCURSO DE IDEIAS PARA A ELABORAÇÃO DO COMPLEXO DE CIÊNCIAS EXACTAS DA NATUREZA E AMBIENTE DO PÓLO DE ÉVORA

Entidade Promotora - Universidade de Évora  
Data de abertura - Outubro 1991  
Repres./AAP no Júri - Arqtº Eugénio Castro Caldas  
Assessoria Simples da AAP

### CONCURSO DE IDEIAS PARA A ELABORAÇÃO DO PROJECTO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DO PÓLO DA MITRA - ÉVORA

Entidade Promotora - Universidade de Évora  
Data de abertura - Outubro 1991  
Repres./AAP no Júri - Arqtº João Paciência  
Assessoria simples da AAP

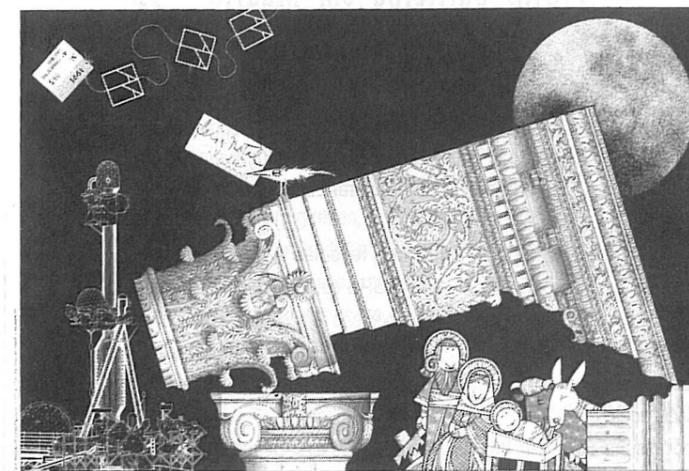
### PRÉMIO MUNICIPAL DE ARQUITECTURA "CONDE DE OEIRAS"

Entidade Promotora - C.M.Oeiras  
Repres./AAP no Júri - Arqtº Victor Neves

## RCCTE no Algarve

Tentando cumprir uma das suas atribuições enquanto agremiação da classe, o Núcleo dos Arquitectos da Região do Algarve (NARA) promoveu uma acção de formação no âmbito do Regulamento das Características do Comportamento Térmico dos Edifícios (Dec.-Lei nº 40/90 de 6 de Fev.).

O curso teve lugar nos passados dias 19 e 20 de Outubro, nas instalações da Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Faro e contou com a participação (esgotada) de 30 profissionais, engenheiros e arquitectos. Na opinião destes frequentadores, a acção foi um êxito, não só por ter vindo proporcionar uma oportunidade de actualização profissional dentro do nosso enquadramento regulamentar, mas também pela forma como os prelectores, o Engº Mendes da Silva da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Coimbra e o Arqtº Francisco Moita da Univ. Técnica de Lisboa, apresentaram a matéria. Outro aspecto relevante deste curso foi a oportunidade de convívio entre colegas que a dispersão geográfica desta região Algarvia, normalmente não incentiva.



A tradição consagrou o costume de manifestar, nesta época do ano, sinal de atenção a quem importa. O JA e a AAP, em nome da qual exerce a sua missão informativa, quiseram cumprir com o uso, publicando neste número, um desenho original de João Abel Manta, em destacável. Ao Arqtº João Abel Manta que, em gesto de desinteressada cumplicidade, ofereceu o fundamental - o talento do seu traço culto e, na circunstância, prazenteiro - queremos manifestar reconhecido agradecimento.

## 3ª Exposição Nacional de Arquitectura

Organizada este ano em colaboração entre as duas Secções Regionais da AAP ( Norte e Sul ) a 3ª edição da Exposição Nacional de Arquitectura, está prevista para a Primavera do próximo ano.

Recorde-se que as anteriores edições movimentaram cerca de 400 obras dos mais diversos programas e regiões, dando da nossa produção arquitectónica corrente uma imagem global e diversa.

Prevê-se que a próxima edição tenha maior limitação na dimensão total pelo que alguns critérios de contenção serão introduzidos, mantendo-se no entanto no essencial as características abertas da Exposição.

À semelhança das edições anteriores também para esta será organizado um programa de itinerância ( recorda-se que a 2ª ENA visitou mais de oitenta localidades ). O regulamento estará disponível até ao final do ano.

## AAP/SRS lança linha de crédito

Por reformulação do protocolo com o BESCL foram obtidas garantias de maior simplificação dos procedimentos necessários à obtenção do crédito bonificado para arquitectos com conta naquele banco. O acesso a este regime envolve também o pagamento de quotizações à AAP por transferência o que se revela mais prático para os associados e tem vantagens administrativas para a AAP. No âmbito da renegociação referida, foi acordada a supressão da referência ao banco no cartão de associado, que será enviado aos associados em Dezembro.

## AAP/SRS lança novos cursos

Os cursos de curta duração lançados pela SRS em quatro âmbitos temáticos (Se-gurança, Térmica, Encomenda, Informática) tiveram um êxito extraordinário, envolvendo mais de duzentos formandos no total. Na sequência da procura detectada estão em preparação novos cursos, a realizar em 92:

**De curta duração:** cadernos de encargos, especialização de materiais, responsabilidades, legislação urbanística.

**De longa duração:** curso avançado de CAD com execução oficial de projectos.

## AAP/SRS participa em Madrid - 92

Na sequência das Associações de Arquitectos das Capitais Europeias está em preparação uma Exposição que terá lugar em 92 em Madrid, por ocasião da Capitalidade Cultural Europeia assumida por aquela cidade.

À exposição constará de seis projectos recentes em cada uma das doze capitais da comunidade. A AAP/SRS seleccionou para participarem na secção portuguesa da exposição um conjunto de obras recentes cobrindo várias tipologias e tendências arquitectónicas, com o objectivo de salientar a diversidade da nossa cultura profissional:

### Habitação

Cociclo em Telheiras, da equipa de Duarte Nuno Simões

### Equipamento Cultural

Centro Cultural de Belém, de Vittorio Gregotti e Manuel Salgado

### Comércio

Valentim de Carvalho no Rossio, de Miguel Arruda

### Escritórios

BNU, de Tomás Taveira

### Recuperação

Espelho de Água, de Manuel Graça Dias e Egas Vieira

## Exclusão do sector da construção civil da Directiva Horizontal

A proposta da directiva horizontal da Comissão Europeia sobre a responsabilidade de serviços (ver notícia no JA nº 103/104) foi objectivo de uma primeira discussão na reunião do Conselho de Ministros Europeus realizada na Holanda no dia 15 de Outubro. Segundo os serviços de imprensa do Conselho, estabeleceu-se um consenso generalizado no seio do Conselho sobre o carácter inadequado da proposta da directiva referida em relação aos objectivos que se propõe atingir, os quais deveriam levar de preferência à implementação de directivas verticais.

O Conselho aguardará no entanto o parecer do Parlamento Europeu antes de tomar uma decisão.

No entanto neste a Comissão de Assuntos Jurídicos já examinou uma primeira vez um projecto de relatório sobre a proposta da directiva horizontal, tendo também havido consenso quanto à exclusão da construção civil do campo da aplicação da directiva, segundo as recomendações do autor do relatório. No entanto esta Comissão prosseguirá ainda por mais algum tempo o seu processo de exame, devendo o voto em reunião plenária ter lugar em Dezembro ou mesmo já em 1992.

## Conselho dos Arquitectos da Europa (C.A.E.) Reunião do Conselho Executivo

Conforme tínhamos anunciado (ver JA nº 102) realizou-se no passado dia 5 de Outubro em Liège (Bélgica) mais uma reunião do Conselho Executivo do C.A.E. onde a AAP esteve representada pelo Arqtº Manuel Queiroz, secretário-Geral do CDN.

Nesta reunião e como forma de resolução do problema do registo de Estatuto legal do C.A.E., foi aprovada a criação de um agrupamento Europeu do Interesse Económico, o qual existindo em paralelo com o C.A.E. funcionará basicamente como uma estrutura prestadora de serviços a este último.

O C.A.E. poderá manter assim integralmente o seu Estatuto actual de associação livre sem necessidade de ter os seus estatutos oficialmente. Os estatutos desta nova estrutura foram aprovados na última Assembleia Geral que teve lugar em Bruxelas nos dias 21 e 22 de Novembro.

Na reunião do dia 5 de Outubro foi também aprovada a minuta do contrato de Secretário-Geral bem como um primeiro esboço do orçamento para 1992.

Foi ainda decidido o envio com urgência de uma carta pelo Presidente do C.A.E. ao Conselho de Ministros da Comunidade acerca da Directiva sobre Segurança e Higiene nas obras a aprovar em 14 de Outubro, a qual contém alguns artigos gravosos para os arquitectos no que concerne à responsabilização por danos pessoais, devido à má organização da obra.

Na mesma ocasião realizou-se também uma reunião do Grupo de Trabalho "Directiva Arquitectos" o qual, recorde-se, tem como objectivo fundamental o acompanhamento da aplicação daquela Directiva nos vários países comunitários. Neste sentido foram aprovadas as minutas de duas cartas a enviar pelo C.A.E. às delegações permanentes de Itália e Grécia em Bruxelas, pedindo explicações pelo facto de estes dois países persistirem em não aplicar a Directiva. Foram também analisadas as perspectivas das várias organizações profissionais em relação às reuniões da Directiva, tarefa a efectuar pelo Comité Consultivo a partir de 1992.

## Membros correspondentes da AAP apoiam projecto

Inserida na "engenharia financeira" necessária à viabilização do projecto da nova Sede foram criadas várias modalidades de associação das empresas. Uma delas resulta da previsão estatutária da figura de "membro correspondente" da AAP, destinada a entidades que possam colaborar com a Associação na prossecução dos seus fins.

No passado dia 23 de Outubro foram assinados vários protocolos neste âmbito, que envolve já as empresas CIN, BCP, Teixeira Duarte, Pavigrés, Valadares, BESCL e FOC implicando um apoio global de valor superior a 10.000 contos.

## Câmara de Lisboa aprova projecto

Com Despacho do Presidente da CML, Dr. Jorge Sampaio, foi aprovado no dia 29 de Outubro o projecto dos arquitectos Graça Dias e Egas Vieira para adaptação dos "Banhos de São Paulo" a Sede da AAP, que já contava com a aprovação do IPPC.

Neste momento está em fase de arranque o Projecto de Execução, cujo prazo de conclusão termina em Fevereiro.



**Vergílio Rui Teixeira Lopo**  
Presidente do Conselho de Administração

Lamentavelmente houve, no anterior JA, troca do apelido do Sr. Engº Teixeira Lopo, Presidente do Conselho de Administração da CIMPOR a quem, com a rectificação devida, apresentamos as nossas desculpas.

# Depoimentos dos nossos Mecenases

**Eugénio Palomino**  
Director-Geral da Covina, S.A.



Logo que a COVINA - COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, S.A., tomou conhecimento da iniciativa da Associação dos Arquitectos Portugueses, em restaurar os "Banhos de São Paulo" para aí instalar a sua sede, fizemos saber aos responsáveis do nosso grande interesse em participar nesta iniciativa. Interesse que foi concretizado na nossa participação no Clube Banhos de São Paulo.

A COVINA ao participar nesta iniciativa, não quer deixar de realçar as suas duas grandes vertentes, a primeira, porque a cidade, Lisboa, e o país, necessitam de ver restaurados e aproveitados os melhores exemplares arquitectónicos de épocas passadas, que um pouco por toda a parte podemos encontrar em estado de degradação e ruína. Pensamos pois, que a iniciativa da Associação dos Arquitectos Portugueses é um acto de cultura a destacar e a elogiar.

A segunda vertente, também ela de raiz cultural, tem por base a nossa convicção da necessidade de reforçar a actividade e intervenção dos arquitectos portugueses no conjunto do sector da construção. Portugal continua a ser dos países da Europa onde é menos interviniente a actuação dos arquitectos e infelizmente o resultado é bem visível.

É urgente que a Associação e os arquitectos portugueses sejam prestigiados e possam cada vez mais constituir-se com parceiros influentes em todas as decisões que envolvam o sector da construção, não só na sua componente estética mas também na sua componente técnica.

**Paulo Fernandes**  
Administrador Delegado



A SELDEX sente-se particularmente honrada por ter sido convidada a participar neste projecto.

Por duas razões:

A primeira, de natureza cultural por existir uma comunhão de pontos de vista entre a AAP e a SELDEX: de facto, ambos apostamos no Design, Inovação e Qualidade nos campos de actividade em que nos inserimos.

A segunda, de natureza económica.

É nossa opinião que o desenvolvimento económico dum sociedade deverá ter como base o seu desenvolvimento cultural.

Logicamente a AAP, terá aqui um importante papel a desempenhar. Assim este nosso contributo, mais não pretende ser do que uma singela expressão da nossa solidariedade cultural para com a AAP e a Sociedade Portuguesa.

Uma das contradições do estatuto profissional do arquitecto é proveniente do facto de o arquitecto não responder directamente perante aqueles que usufruirão do produto do seu trabalho, mas tão só perante aqueles que o contratam e perante aqueles que o aprovam, pessoas que terão virtualmente saído de cena, quando o utente final entrar.

## A Ética face ao Consumidor

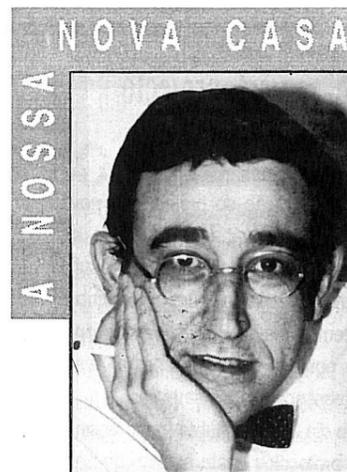
Não tendo parte interveniente no contrato do arquitecto, nem nas competências da Administração, só através da lei civil o utente da obra de arquitectura pode pedir responsabilidades. E no entanto toda a lógica da reivindicação dos arquitectos perante o Estado, de um estatuto profissional protegido, se baseia no interesse público da arquitectura: o direito que os cidadãos têm de viver num ambiente qualificado pelo saber dos arquitectos.

Para resolver esta contradição, historicamente as sociedades têm-se esforçado por proteger quem precisa de protecção, através da lei. Provavelmente a origem remota da lei moderna situa-se no CODEX JUSTINIANUS aplicável às Obras Públicas Romanas e dispuña que: "Todos aqueles a quem fôr encomendado o cuidado de obras públicas ou adjudicado dinheiro na forma habitual para a construção, estão sujeitos junto com os seus herdeiros, durante quinze anos desde a finalização da obra, de modo que dentro do tempo fixado apareça algum vício na edificação, seja reparado com o seu património (exceptuando os casos fortuitos)".

O Direito medieval retoma a lei romana estabelecendo a responsabilidade à margem de qualquer consideração contratual e em atenção ao interesse público que a solidez da construção tinha para a colectividade que a custeava. É na regulamentação do Arrendamento que se regulam os efeitos da ruína dos edifícios. Diz por exemplo o título da lei medieval espanhola "De los Maestros que toman a destajo a los obreros labores, a obras, por precio certo; que lo deven pechar, si lo fizieren falsamente", no seu texto:

"E se por sorte não cair a obra antes que seja acabada mas entender o senhor dela que é falsa, ou que não é estável, então deve chamar homens bons e sábios e mostrar-lhes a obra e se aqueles homens sábios entenderem que a obra é feita falsamente e reconhecerem que o erro adveio de culpa do mestre, este deve refazê-la imediatamente e tomar o custo dos danos e prejuízos do senhor desta."

O Código Civil de Napoleão, que sistematiza a lei medieval, servirá de inspiração a todos os Códigos Civis modernos, inclusivé o português,



e contempla a responsabilidade decenal na construção mencionando agora explicitamente o "arquitecto", como sujeito específico da responsabilidade, no seu artigo 1792:

"Se o edifício construído por preço certo, cai no todo ou em parte, por vício de construção ou por vício de solo, o arquitecto e o construtor são responsáveis durante dez anos." Permanece contudo no Código Napoleónico a característica antiga da responsabilidade: é ao proprietário do edifício que cabe reclamar a responsabilidade.

Esta insuficiente protecção frente à diversidade dos utentes sofrendo eventuais prejuízos (e apesar dos esforços de jurisprudência moderna para ampliar o âmbito de aplicação da responsabilidade) tem de ser resolvida pelo tipo de correcção que nos países europeus se vem fazendo àquele modelo, colocando agora o consumidor na posição de principal interessado na responsabilidade.

### A Evolução Moderna

A lei mais avançada neste processo de ampliação dos conceitos de responsabilidade na construção, é a lei francesa (Loi Spineta), que:

- suprime a limitação das "obras por preço certo" ampliando a responsabilidade a todas as obras;
- amplia a definição de pessoas responsáveis: Arquitectos, Construtores e todos os outros intervenientes no processo construtivo;
- amplia a responsabilidade mesmo aos tra-

- balhos menores (acabamentos, equipamentos), e aos vícios ocultos" na recepção da obra;
- introduz a noção de garantia de perfeito acabamento e de bom funcionamento;
- estende o conceito de "ruína parcial" a tudo o que possa tornar a obra menos própria para o seu uso;
- estabelece a presunção na responsabilidade contra o construtor;
- estabelece o início dos prazos da responsabilidade a partir da recepção final da obra;
- amplia a capacidade de reclamação, na prática, a todos os sucessivos proprietários e locatários;
- torna o seguro das responsabilidades e garantias obrigatório.

### Portugal Medieval

O Código Civil Português, face à evolução que vimos assinalando, está ao nível medieval. Porque:

- circunscreve a responsabilidade aos edifícios de longa duração;
- circunscreve as responsabilidades às envolvidas num "contrato de empreitada";
- circunscreve as responsabilidades ao empreiteiro;
- circunscreve as responsabilidades do empreiteiro aos defeitos graves (ruína total ou parcial);
- circunscreve os prazos de responsabilidade do empreiteiro a cinco anos, ou menos se tal for contratado;
- limita a responsabilidade do empreiteiro aos prejuízos sofridos pelo dono da obra, excluindo outras partes;
- elimina a responsabilidade pelos defeitos aparentes ou aceites pelo proprietário;
- obriga o dono da obra a reclamar os defeitos trinta dias após o seu reconhecimento;
- limita os direitos do próprio dono da obra, considerando-os caducos dois anos após a recepção da obra.

Como se vê o arquitecto não é responsabilizado, o próprio empreiteiro dificilmente poderá ser, e o consumidor, este não existe.

Para que um arquitecto pudesse ser confrontado com alguma responsabilidade civil em Portugal seria necessário que, tendo um empreiteiro sido condenado, este exercesse o direito de regresso sobre o arquitecto, e provasse terem, os defeitos pelos quais fora

responsabilizado, origem numa má concepção ou ter a execução dos trabalhos sido aprovada pelo arquitecto.

Ora sendo os "defeitos graves" os responsáveis por ruína (afectarão da estabilidade e solidez do edifício), mais provável seria, neste cenário improvável, ser responsabilizado o engenheiro e não o arquitecto.

Por aqui se vê a razão pela qual em Portugal não existem seguros de responsabilidade: é que não há responsabilidade.

### As Responsabilidades do Arquitecto

A Responsabilidade é um efeito derivado do incumprimento de uma obrigação, desempenhando um papel muito importante na protecção legal do consumidor, já que estes devem ter a possibilidade de reparação dos danos ou prejuízos causados pela acção de um profissional envolvido na construção. A Responsabilidade assume assim na ordem jurídica a função de instaurar um clima de certa segurança contra riscos frequentes de má qualidade na construção. A Responsabilidade do arquitecto pode assim ser de várias naturezas:

**contratual** - nascida do erro ou omissão voluntária, ou por negligência, pela qual resulte incumprida uma obrigação contratual;

**extra-contratual** - independente por um lado de cláusulas contratuais e por outro de ilícitos penais;

**Penal** - nascida de acto definido e punível por Lei, como delito

**Administrativa** - afectando o arquitecto por razão do cargo que ocupa ou função que desempenha, envolvendo prejuízos;

**Disciplinar** - por incumprimento de normas e regulamentos; e ... Para não falar das Responsabilidades Culturais.

As responsabilidades do arquitecto têm assim um carácter especial, derivado não só da sua múltipla natureza, mas também da multiplicidade de terceiros prejudicados (o cliente, o consumidor, a Administração Pública, o utente), do carácter profissional do arquitecto e conseqüente natureza técnica da sua obrigação (implicando o domínio de conhecimentos específicos) e ainda do pressuposto ético de uma diligência elevada na sua prestação. Pelo que não é suficiente, para assumir das Responsabilidades Profissionais pelo arquitecto, o cumprimento dos regulamentos da construção.

E aqui chegamos à conclusão: a irrelevância e ineficácia do documento que capeia os projectos sujeitos a licenciamento em Portugal, nos quais o arquitecto (ou outro técnico, (i) responsável) declara ter cumprido os regulamentos a assumir por isso (e só), a sua responsabilidade.

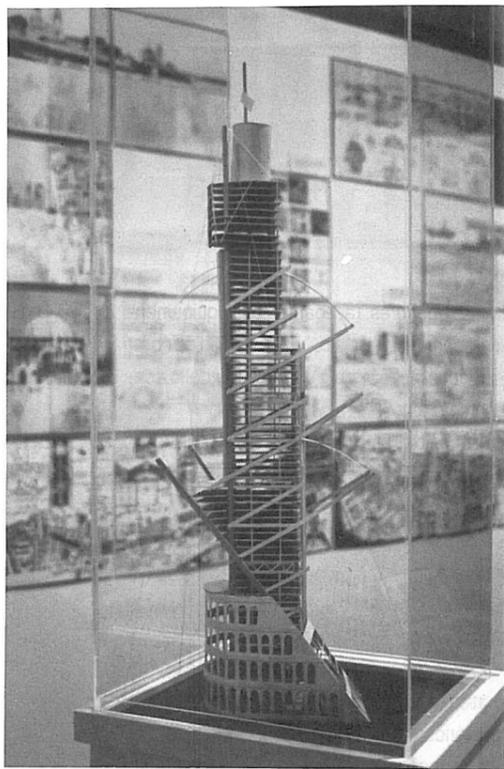
Os modernos conceitos da Responsabilidade profissional estão a milhas da situação portuguesa. Adaptar-nos a eles será positivo, além de inevitável. Eles induzem um outro conceito, também este bem afastado da nossa realidade: o controle do resultado.

O que ficará para próxima oportunidade.

*NOTA: Quando este artigo deu entrada no J.A. ainda não tinha sido publicado o Decreto-Lei nº 445/91, de 20 de Novembro, que vem substituir o Decreto-Lei nº 166/70. A nova lei, altera alguma da matéria a Responsabilidades aceitando razoavelmente muitas das propostas que a A.A.P. apresentou ao Governo. No próximo J.A. faremos a análise detalhada dos reflexos do novo diploma.*

Pedro Brandão, Arqtº

Veneza 1991. Terminou mais uma Bienal de Arquitectura. Nesta edição, três secções de exposições constituíam o núcleo forte da Bienal: uma sobre os trabalhos concorrentes ao concurso internacional (limitado) para o novo palácio do cinema no Lido de Veneza; uma exposição-concurso em que participaram 43 Escolas de Arquitectura e finalmente, o conjunto de exposições que decorreram nos pavilhões nacionais, promovidas pelos diferentes países presentes.



Pavilhão da URSS

## Bienal de Arquitectura de Veneza O regresso ao modernismo

### Victor Neves

Veneza 1991. Terminou mais uma Bienal de Arquitectura. Nesta edição, três secções de exposições constituíam o núcleo forte da Bienal: uma sobre os trabalhos concorrentes ao concurso internacional (limitado) para o novo palácio do cinema no Lido de Veneza; uma exposição-concurso em que participaram 43 Escolas de Arquitectura e finalmente, o conjunto de exposições que decorreram nos pavilhões nacionais, promovidas pelos diferentes países presentes. As duas primeiras decorreram na já nossa conhecida Corderie dell' Arsenal, enquanto as exposições nacionais se espalhavam pelo Giardino di Castello que este ano tinha mais um pavilhão novo: o pavilhão do livro projectado pelo James Stirling / Michael Wilford. Como motivos suplementares de interesse havia ainda a enorme escultura de Massimo Scolari junto às torres do Arsenal e a exposição dos projectos concorrentes ao concurso para o novo pavilhão de Itália, um concurso lançado em 1988 e para o qual foram convidados alguns arquitectos italianos.

O velho pavilhão inicialmente desenhado pelo Engenheiro Enrico Trevisanato e pelo pintor Marius de Maria nos finais do século passado e que recebeu variadíssimas intervenções (Scarpa, Gio Ponti também lá fizeram uma perninha) parece ter os dias contados.

A Bienal deste ano parece ter marcado uma mudança em relação às anteriores, relegando a história e a arquitectura desenhada para segundo plano em benefício de uma mais produtiva (?) e realista (?)

intervenção na própria cidade de Veneza. Está por demonstrar, no entanto, a validade e a oportunidade dessa opção que aparentemente substitui a vitalidade da inovação pelo pragmatismo.

Dentro de um panorama geral que primava pela ausência de surpresas ou propostas verdadeiramente inovadoras, a exposição das Escolas de Arquitectura (a única, aliás, onde Portugal esteve presente, através da Faculdade de Arquitectura do Porto) foi nesta edição aquela que oferecia mais pontos de interesse e a única que evidenciava factos novos dignos de alguma análise.

Se de um lado se notava uma exagerada preocupação com a montagem dos próprios espaços que cabiam a cada uma das escolas, canalizando para aí toda a inventiva e relegando para Segundo plano a Arquitectura e as suas formas de expressão e de intervenção, temos de reconhecer que, por outro lado, era evidente a vontade de fazer passar mensagens com alguma inovação.

Comunicar parecia ser a preocupação dominante, o que por si só é positivo. Deve-se dizer, no entanto, que para conseguir isso a maior parte das escolas recorria à força das imagens (vídeos, grafismos, etc), ao som e a formas de expressão que aparentemente são mais próximas de outras artes que não a arquitectura (a pintura, a escultura, a fotografia, etc). Em alguns casos, encenações quase banais tentavam cativar o olhar. Excepção a esta regra foram, sobretudo, os espaços da Universidade de Palermo e da Faculdade de Arquitectura do Porto que, abdicando do acessório focalizavam a sua mensagem no fenómeno arquitectónico recorrendo essencialmente ao desenho técnico e às maquetas, e utilizando moderadamente a palavra como suporte factual.

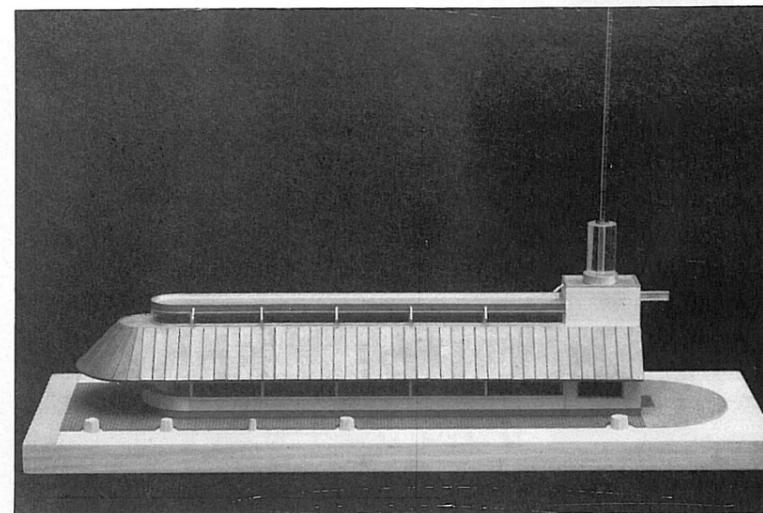
De qualquer modo, a inovação e até as utopias estavam lá - nesta exposição das escolas - o que não acontecia tanto nas outras.

Na exposição dos trabalhos concorrentes ao novo Palácio do Cinema do Lido, apenas o projecto de Rafael Moneo se destacava pelo seu equilíbrio metodológico e plástico. Nas exposições nacionais que decorreram no Giardino di Castello também nada de novo, pelo menos relativamente aos países tradicionalmente eleitos pelos "media" especializados em arquitectura (incluindo a Itália que detinha a maior área de exposições). As surpresas agradáveis vieram de países como a Grécia, a Polónia e a Checoslováquia.

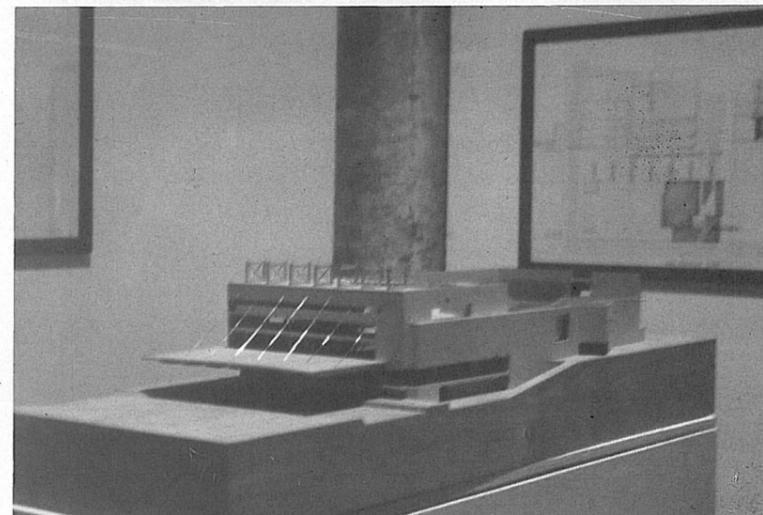
A Grécia montou três interessantes exposições; uma das quais dedicada a Dimitris Pikionis. Amigo de Giorgio de Chirico, Dimitris era um mestre para as novas gerações de arquitectos gregos - mestre na humanização da arquitectura e da sua ligação à natureza. As outras exposições gregas (uma sobre novos edifícios públicos e outra intitulada "Ideias para o pavilhão grego") revelavam uma efectiva consistência programática e teórica (e de linguagem), onde o Modernismo continuava presente e activo.

Aliás, se alguma conclusão podemos tirar desta 5ª Bienal de Veneza, é que o Pós Modernismo e as suas paisagens contextualistas, historicistas, anti-funcionalistas, morreram de vez. O retorno ao Modernismo aí está.

Uma nota final. Portugal, mais uma vez, fez figura de parente pobre. Porquê?



Novo Pavilhão do Livro da Bienal - James Stirling / Michael Wilford (maqueta)



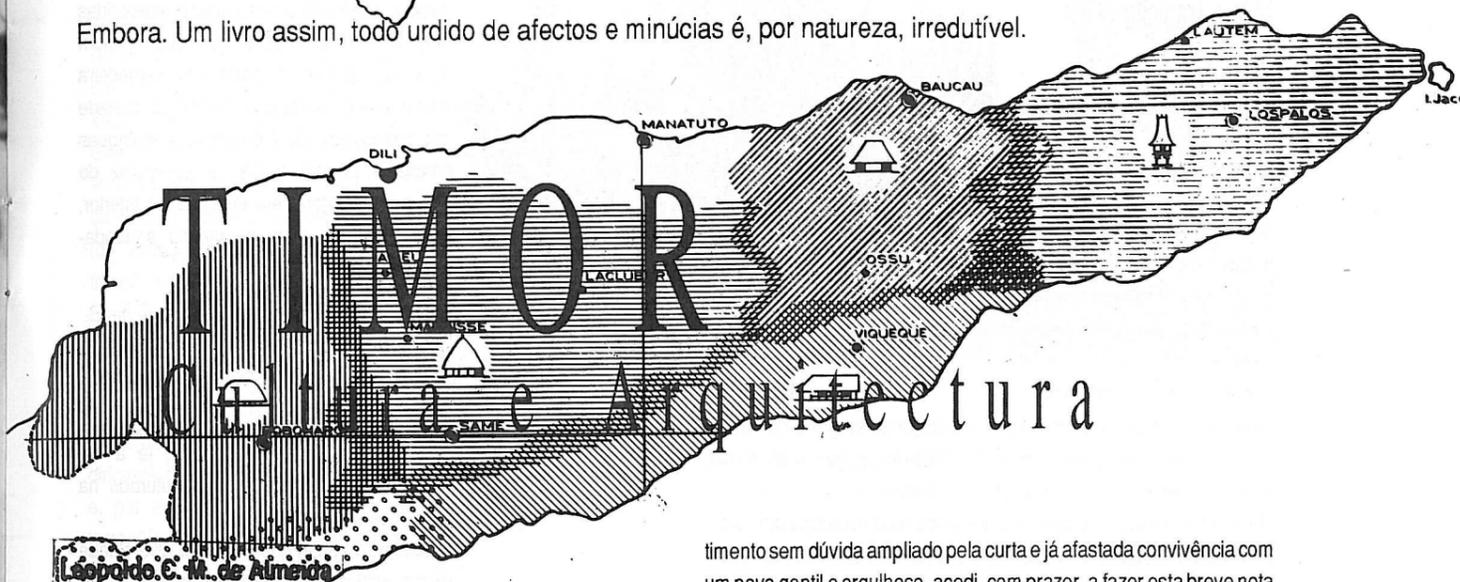
Maqueta do projecto de Rafael Moneo para o Novo Palácio do Cinema



Aspecto da Exposição dos trabalhos concorrente ao Novo Palácio do Cinema do Lido de Veneza

De Timor, muito se fala, pouco se sabe.

E porque é importante saber e, entre os arquitectos, há quem saiba e tenha registado em belíssimo livro - "Arquitectura Timorense"; assinado: Ruy Cinatti, Leopoldo de Almeida e Sousa Mendes; editor: Museu de Etnologia - foi a Leopoldo de Almeida que pedimos emprestada experiência e traço de que aqui quizemos, à maneira de arquitectos, deixar vestígio. Fragmentário, é certo. Decalcado, também. Mais cultura que arquitectura, ainda. Embora. Um livro assim, todo urdido de afectos e minúcias é, por natureza, irredutível.



1. A "Arquitectura Timorense" é um livro publicado, relativamente, em 1987, com material de campanha recolhido entre 1958 e 1959 e preparado até 1961. O trabalho foi desenvolvido sob o patrocínio da Junta de Investigação do Ultramar, no âmbito de uma "missão", análoga a tantas outras da responsabilidade daquela antiga entidade. Tinha sido fixado um duplo objectivo: de natureza etnográfica, a recolha de informação sobre o habitat timorense e de natureza "prática", a formulação de orientações e recomendações para a sua melhoria. (1)

O coordenador e implusionador da iniciativa - Rui Cinatti - reteve o material e mesmo a maquete final pelo que, só após a sua morte, durante a inventariação do espólio deixado pelo poeta-etnólogo, foi possível ao Museu de Etnologia proceder à publicação do livro em referência. Este surge assim necessariamente diferente da versão original, com paginação alterada e modernizada, tendo sido eliminada informação considerada secundária ou de qualidade comprometida pelos anos. Como é compreensível foram também suprimidas as propostas que visavam a melhoria do habitat.

2. Não posso deixar de estabelecer relação entre o interesse manifestado pelo Jornal Arquitectos pelo livro e a longa luta do povo timorense pela sua independência, sobretudo após os sangrentos acontecimentos de Díli. Mas porque considero justa a sua causa, sen-

timento sem dúvida ampliado pela curta e já afastada convivência com um povo gentil e orgulhoso, acedi, com prazer, a fazer esta breve nota introdutória.

Uma coisa é certa: para além do contributo necessariamente limitado do livro sobre a cultura timorense ressalta, hoje em dia, o seu interesse como testemunho de algo que se supõe já não existir, que se perdeu com a guerra e a destruição que acarretou.

3. Uma última nota: ao evocar a espantosa luta do povo timorense pela sua independência como nação não posso deixar de apontar algumas reflexões sobre as razões que estão por detrás de tão forte coesão e determinação.

Timor insere-se num vasto espaço sócio-cultural heterogéneo, o Sudoeste Asiático, em constante mutação há milénios e onde as administrações coloniais vieram a instalar-se, forçando comunidades muito diversas a interligar-se e criando as condições para a emergência de países modernos. Foi o que aconteceu com a Indonésia, "abstracção" herdada do período colonial holandês.

Como se situa Timor-Leste neste quadro? Ai, a longa presença portuguesa se é verdade que também cimentou sociedades - micro-sociedades, contudo - também é certo que conseguiu ser adaptada pelo povo, aceites e integrados na cultura local os seus valores. Este processo foi facilitado pela conjugação de factores com a quase ausência de formas de exploração colonial, a presença do catolicismo, muito activo face à forte envolvente islâmica e, porque não, uma componente diferente de relacionamento introduzida por portugueses exilados ao longo de décadas pelo poder salazarista.

Duas sociedades estão face a face e que se opõem e antagonizam: a grande potência nascida da colonização holandesa e o micro-país, forjado por lento processo de aculturação que não quer ser absorvido pelo gigante. Timor-Leste não se reconhece na Indonésia, não considera aquela como seu futuro post-colonial porque são vivências históricas diferentes. E com que força o faz!

Poderá isto explicar de algum modo, o que se está passando?

(1) É interessante lembrar pontos de referência e de apoio ao trabalho de equipa, nomeadamente o notável livro francês "L'Habitat au Caméroun", a "Arquitectura Popular em Portugal" como não podia deixar de ser, então recentemente publicado e, também, contributos teóricos entre os quais refiro o de Maxwell Fry e Jane Drew sobre a arquitectura tropical.

## Mito e Tradição

Em Macassar, na ilha dos celébes, vivia um crocodilo. Isto passou-se muito antes dos tempos que já lá vão. Velho, sem velocidade para os peixes da ribeira, não teve outro recurso senão pôr pé no seco e aventurar-se terras adentro a ver se topava cão ou porco que lhe matasse a fome.

Andou, andou e nada topou.

Resolveu regressar, mas o caminho era longo e o sol ardia. Abrasado, sentiu o crocodilo que as forças iam faltar-lhe e que, mais passo, menos passo, ficaria para ali como uma pedra.

Mas o acaso fez que lhe passasse mesmo à mão e a tempo um rapaz. Este, condoído, ajudou-o a arrastar-se até à ribeira. O crocodilo ficou-lhe gratíssimo, oferecendo-se para, a partir daquele dia, o levar às costas pelas águas dos rios e do mar.

Certa vez, apertado pela fome e sem cão ou porco que a matasse, decidiu-se a comer o rapaz. Antes, porém, para alívio da consciência, consultou os outros animais sobre se devia ou não comê-lo. Desde a baleia ao macaco todos ralharam muito com ele acusando-o de ingrato.

Inclinando-se perante a opinião geral e no receio de que a sua presença passasse, de futuro, a ser mal tolerada, o crocodilo dispôs-se a partir mar em fora e a levar consigo o dedicado rapaz por quem, vencida a tentação, sentia amizade quase paternal.

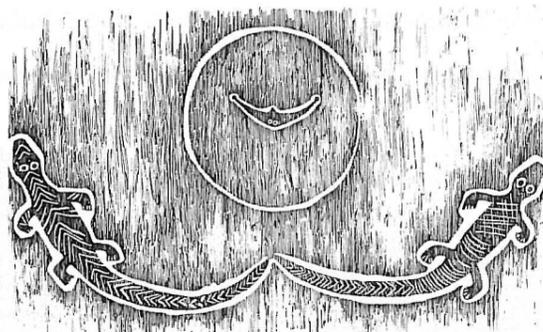
Foi nesta disposição que convidou o rapaz a pular-lhe para as costas. Fazendo-se, então, ao mar, nadou, onda após onda, em demanda das terras onde nasce o sol, convencido de que lá havia de encontrar um disco de ouro semelhante ao outro que o norteava.

Porém, quando já cansado de nadar pensou em dar meia volta e regressar às terras de origem, sentiu que o corpo se lhe mobilizava e se transformava rapidamente em pedra e terra, crescendo, crescendo até atingir as dimensões de uma ilha.

Caminhou então o rapaz sobre o dorso da ilha, rodeou-a com o olhar e chamou-a de Timor que, em língua malaia, quer dizer oriente.

## As Gentes Línguas e Raças

Em Timor, a unidade linguística não corresponde a uma unidade rácica mas a uma heterogeneidade de tipos e de subtipos de tal forma que um estudo classificativo das populações autóctones só poderá ser feito utilizando como elemento selector a língua ou o dialecto falado. Também a diversidade das línguas não tem permitido chegar a acordo, nem quanto ao seu número, nem quanto a uma classificação. No entanto, umas há que são faladas por minorias extremamente re-



duzidas tendendo a desaparecer absorvidas pelas de maior expressão. Entre estas o tetum pode ser considerado como uma verdadeira língua franca, falada pelo menos por metade da população da ilha. É de notar que as línguas principais partem todas (à excepção do búnaque) do litoral em direcção ao interior, onde penetram mais ou menos profundamente.

## O Sistema Político e as Classes Sociais

Quando por meados do século XVI, os portugueses aportaram a Timor, já a sociedade timorense se tinha estruturado na forma que ainda hoje mantém.

O sistema vigente, que reflecte a diversidade rácica, pela sua complexidade, não podia ser gerado numa sociedade primitiva. Ele vinculase a uma das culturas mais ricas que existiram, a civilização indu, que se espalhou, através dos grandes potentados javaneses, com mais ou menos profunda estratificação, por todas as ilhas do arquipélago e cuja formulação se deve aos povos de língua tetum, também conhecidos por *belos*.

Os missionários chamavam reis aos chefes nativos, e, mesmo, a um deles deram o nome de imperador. Isto supõe uma estruturação tipo feudal que mais se complicou por se justapor à noção de classe, um sistema mais íntimo e rígido que é índice iniludível das relações culturais mantidas com o sudeste asiático. O regime de castas ainda hoje se confunde com o sistema de classes, sendo muitas vezes razão de impedimentos de vária ordem, mormente no que diz respeito à sucessão e ao matrimónio.

Ainda hoje, porém, se encontra, em remotos sítios de Timor, principalmente nas montanhas, vestígios de um outro sistema político, anterior ao advento do actual. A forma de viver dessa gente denuncia um sistema com características democráticas, espécie de gerontocracia em que o chefe eleito é apenas um "primus inter pares" com poder limitado pelo consenso geral e sem possibilidade de sucessão hereditária.

Estes dois sistemas coexistem embora com supremacia do primeiro.

Enquanto a influência europeia se não fez

sentir, a organização social timorense estruturava-se num feudalismo primitivo chefiado por um monarca (*liurai*). O soberano administrava as terras dos seus domínios através de uma complexa rede hierárquica. Por intermédio de nobres da sua confiança, transmitia as suas ordens aos chefes de cada *suco* (de *suku*, em malaio, que significa clã), fracção do reino que abrange várias aldeias. Eram os porta-vozes reais junto dos chefes de aldeamento.

Os chefes de *suco* e de aldeia e os régulos eram escolhidos livremente entre a classe nobre, formando uma poderosa e rica classe dirigente detentora da autoridade e da justiça e, por atribuição sobrenatural, senhora da terra. Alguns régulos importantes intitulavam-se *Maromac ôan* (filhos de Deus) considerando-se descendentes directos de entidades divinas.

Os *liurais* eram escolhidos, em eleição, pelos seus pares reunidos, os *datós* e "principais" (familiares), havendo uma única condição selector: o descenderem de famílias reais pelo lado paterno e materno. Podiam contrair matrimónio com mulheres do povo do seu reino mas um dos casamentos tinha de ser com filha de outro régulo pois só entre a descendência desta união se poderia eleger o novo chefe.

Em, 1702, com António Coelho Guerreiro, primeiro governador de Timor, a classe nobre foi agraciada com o tratamento de *dom* e com títulos militares, sendo o *liurai* denominado tenente-coronel; e as restantes autoridades com títulos hierárquicamente inferiores, até à categoria de cabo. Este título podia também ser atribuído a um homem do povo que se tivesse distinguido por qualquer feito guerreiro e merecesse por parte da população o cognome de *açu-ain*.

A massa do povo ou *êma* sustentava a classe privilegiada prestando-lhe trabalho gratuito, pagando os impostos e cumprindo inúmeras obrigações, entre as quais arrotear, limpar, semear e colher as plantações dos seus senhores, guardar e levar os rebanhos às pastagens, fornecendo-lhes ordenanças, presentear-lhes com rezes e víveres, assegurar as rações diárias de tabaco e masca, etc. Ao povo era permitido cultivar a terra mediante o pagamento de um imposto, o *rai-ten*. Na base da sociedade viviam os escravos,



Liurai de Fatu-Maca de Cima, rodeado pelos seus familiares e chefes de povoação

prisioneiros de guerra (*lutuhum*) ou gente comprada (*ata*). [...] Tal era a orgânica da sociedade timorense nos princípios do século XX. Após as revoltas nativas, a administração iniciou uma política sistematicamente desmanteladora da organização tradicional de tal forma que, rapidamente, os nativos poderosos perderam grande parte da sua fortuna, do seu prestígio e da sua autoridade. Os plebeus já não prestam usualmente serviço gratuito aos seus chefes e, quando o fazem, são sempre recompensados com grandes banquetes e festas. Os impostos já não se cobram e os presentes aos *liurais* limitam-se hoje a ofertas simbólicas de cestos de arroz e milho quando das primeiras colheitas.

Proibida e perseguida a escravatura, a classe dos *lutuhum* desapareceu totalmente, afora um ou outro caso esporádico. Ainda hoje subsiste na linguagem a recordação desses tempos, quando os timorenses se injuriavam chamando-se "filhos de escravos", tratamento considerado profundamente ofensivo por lembrar uma ascendência vergonhosa.

## A Família

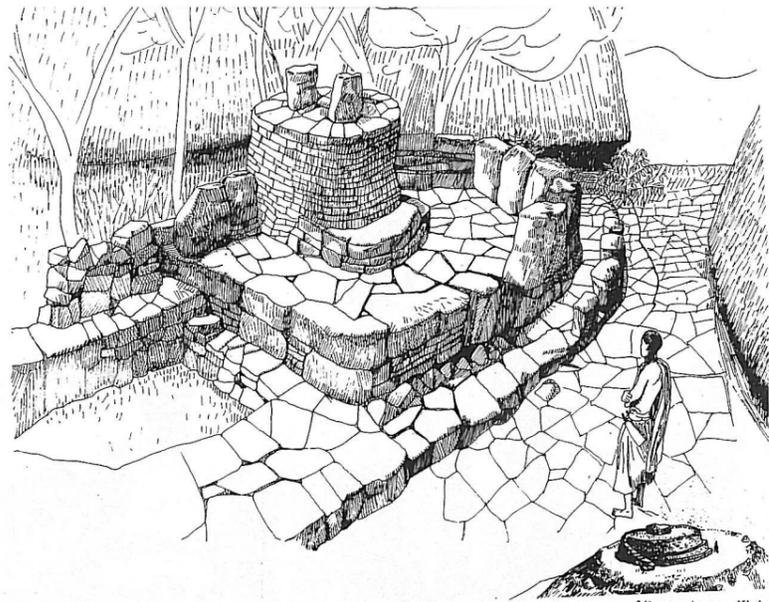
A família é a forma primeira e indivisa a partir da qual se edifica toda a complexa estrutura social timorense. O casamento (barlaque em português de Timor), acto natural de constituição de família e o compromisso mais importante assumido pelo homem e mulher nativos durante as suas vidas, é rodeado de um código complexo de direitos e deveres que tem por objectivo dificultar a sua dissolução. O valioso dote oferecido pela família do noivo em rezes, ouro e panos, representa a compensação material entregue à família da noiva pela perda de um seu elemento activo e é a base e esteio material do casamento.

A sociedade timorense admite a poligamia, considerada como sinal de nobreza e distinção, ainda que actualmente se verifique o desaparecimento do costume nas regiões onde o catolicismo exerce influência.

## A Religião

Dois mundos se opõem perante o timorense: o seu "mundo", o Cosmos, o território onde ele habita, e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca, o Caos, povoado de mil demónios e de um sem-número de almas dos mortos.





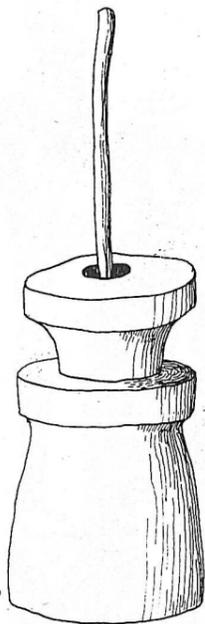
Altars de sacrifício nas montanhas centrais de Timor

Situar-se num lugar, organizá-lo, habitá-lo, são acções que pressupõem a sua consagração e participação da santidade da obra divina. A instalação num território equivale à fundação de um mundo: a divisão da aldeia em quatro sectores corresponderá à divisão do Universo conhecido em quatro horizontes: no meio da aldeia erguer-se-á a casa cultural (a uma lulic) cujo telhado representa o Céu, bem como a copa da árvore grande ou a escarpada montanha. Por baixo da terra, na outra extremidade, situa-se o mundo dos mortos, simbolizado pelas serpentes e crocodilos.

O pequeno mundo timorense, a aldeia, está organizado num sistema inteligível: o lugar, sacralizado, provocou uma rotura da homogeneidade do espaço tornando possível assim a comunicação dos três níveis cósmicos entre si: Céu, Terra e regiões inferiores, através de uma abertura, casa cultural, altar ou poste sagrado (*axis mundi*). Tal eixo cósmico situa-se no próprio centro do Universo porque a totalidade do mundo habitável estende-se à volta dele. Os "ai-arabaudiu", grandes postes de seis e sete metros, que se encontram nas aldeias "mambai" das montanhas, são colocados em sítios dominantes, assentes sobre enormes socos de pedra, em grupos de dois e três, e ornamentados com numerosos chifres de búfalos abatidos durante os "estilos".

Na estrutura da habitação revela-se o simbolismo cósmico: a casa é uma imagem do mundo, a sua cobertura é o Céu, o pilar ou poste principal é assimilado ao "eixo do mundo" que sustenta o imenso tecto celeste e desempenha um papel ritual importante: é na sua base que têm lugar os sacrifícios em honra do ser supremo, Marômac "... Dois postes grandes e grossos irrompem na grande sala e suportam por si sós grande parte do peso da cobertura: são o Kakaluk rai e o Kakaluk lor. O Kakaluk lor, símbolo do culto da casa, é objecto de especiais atenções: no chão, junto dele, o chefe da família coloca um prato de pedra, o "lor fufuhum" e, sobre a lareira, dispõe um outro, o "lor hun". Tudo tem alma, as pedras, as árvores, em especial as de grande porte, os gongões frondosos, as montanhas elevadas que são habitadas pelas almas dos mortos (maté-bian), as ribeiras tumultuosas, as florestas primárias, impenetráveis e sempre verdes.

Há festas gerais do povo, oferendas de arroz cozido e carne assada dos animais sacrificados, acompanhadas de dança ante a "uma-lulic" da povoação, na ocasião de casamento de régulos, na volta da guerra ou quando das colheitas. Mas o "estilo" mais importante ainda é o "acoi-maté" (enterro dos mortos). Toda a família do defunto se reúne, o que leva certo tempo, trazendo muitos alimentos, e inicia um grande banquete, que é repetido um ano depois, comemorando o fim do luto. As casas sagradas, em tudo iguais às habitações familiares, distinguem-se destas pelos ornamentos e esculturas de aves em madeira



dos remates das coberturas e pelos lagartos, crocodilos, tokés, ou seios de mulher, incisos ou esculpidos no madeiramento das portas, os quais, a par de uma intenção puramente decorativa possuem acentuado significado totémico e dão notícia do simbolismo dualista religioso timorense.

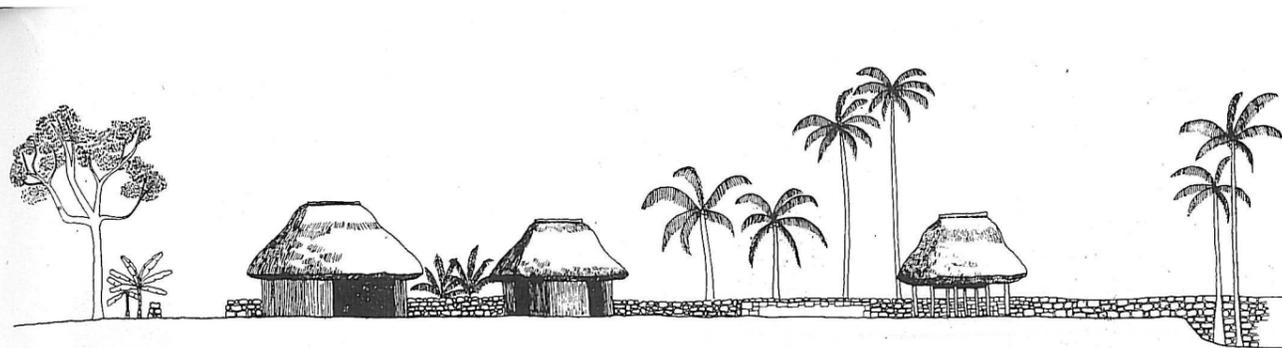
## Festas e Vestuário

A grande festa é um acontecimento social e de regozijo em toda a região. Os "estilos", que reúnem centenas ou milhares de participantes, têm lugar por ocasião de casamento de régulos, enterros de importantes ou visita de individualidades e duram dias ou até semanas, durante os quais se abatem numerosas rezes e se come as suas carnes com arroz cozido e batata doce. Nas festas todo o povo se apresenta ataviado com vestimentas limpas e vistosas, guardadas especialmente para esses acontecimentos.

## Meios de Subsistência

As actividades económicas do povo rural timorense exercem-se, normalmente, segundo dois modos distintos: actividades económicas de subsistência e actividades económicas de exploração. As primeiras englobam a agricultura, a horticultura (itinerante ou não), a colheita de frutos, o pastoreio e a criação de animais. As segundas baseiam-se essencialmente e de acordo com as regiões, na exploração do café, da copra ou do tabaco.

Nas regiões elevadas, sobretudo no centro e oeste da ilha, é frequente cada núcleo familiar de cabanas possuir o seu cafezal. O café é um produto precioso para o montanhes timorense porque a troca de alguns "picos" ele recebe mercadorias e utensilagem de fabrico industrial. Nas regiões onde, devido a condições climáticas ou de terreno, não é possível desenvolver-se o café, o timorense tem outro importante produto de exploração: a copra. Em todas as zonas acolinadas do litoral leste, é frequente o coqueiral ao lado da habitação familiar. No litoral sul e nalguns pontos da costa norte cultiva-se o tabaco em extensos campos cercados. Nos bazares semanais



onde se efectua a quase totalidade das transacções da região, os agricultores vendem grandes quantidades de tabaco ensacado ou em pequenas porções. Nestes mercados internos nativos negocea-se, além do tabaco, produtos de significado económico, mas em menos quantidade: a pimenta, o sândalo e o açafraão, produtos que se destinam à exportação, e a noz de areca, de largo consumo interno. Os mercados desempenham, ao mesmo tempo, um papel polarizador e estimulante das actividades económicas nativas. Nas zonas rurais de Timor a semana é dividida em sete partes, cada uma correspondendo a uma feira ou mercado que se realiza em dia fixo: "bazar Maubisse", quarta-feira.

## Pesca e Caça

Em Timor a pesca realiza-se junto à costa ou em ribeiras e por processos muito elementares arpoação do peixe nos baixios e praias do litoral, a caça submarina praticada pelos naturais da ilha Ataúro e a pesca à rede e de armadilha. Os nativos da ilha de Ataúro praticam uma difícil e perigosa modalidade de pesca: a caça submarina. Com dois instrumentos de seu fabrico, os óculos de madeira com orifícios de mica ou físga, munida de um arpão comprido de ferro, perseguem a nado durante horas, as suas presas. Não raro, um ou outro destes caçadores desaparece vitimado pelo ataque de um esqualo.

Os timorenses caçam sobretudo o veado, abundante no território de Ocussi e por toda a costa sul. Estas caçadas realizam-se com aparato, indo os caçadores a cavalo, munidos de azagaias e acompanhados por matilhas de cães.

## Artesanato

### Cerâmica

Embora a arte cerâmica seja conhecida em todas as regiões, é, no entanto, segundo João Jardim (na revista Portugal) mais antiga nas regiões de Vemasse, Viqueque e Baucau. Aqui a matéria-prima é fabricada em partes iguais, com areia da praia e uma argila cinzenta dos socalcos das montanhas.

## Ourivesaria

Os ourives fabricam pulseiras, anéis, luas, adornos tipo diadema, pequenas caixas de prata, etc., utilizando para a sua confecção antigas moedas de prata ou de ouro derretidas.

## Panos e Esteiras

A indústria caseira de panos em teares improvisados (gonguidi) é manipulada pelas mulheres, que na confecção de um pano gastam cerca de quinze dias úteis de trabalho. As nativas dedicam também muitas horas a trabalhos de fibra vegetal. Além dos vários tipos de esteira, alguns dos quais em forma de folha, de bom efeito decorativo (regiões de Ocussi e Viqueque), confeccionam cestos, bolsas para tabaco, betel e noz de areca, e sacos para armazenagem de milho e arroz.

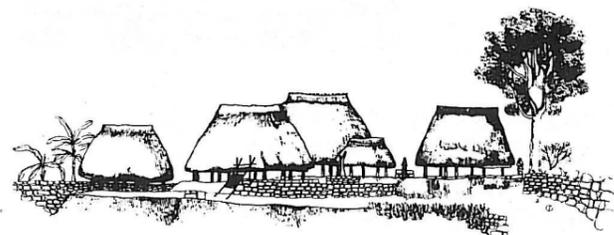
## O Habitat Rural

A distribuição da habitação rural em Timor efectua-se segundo dois modos fundamentais de povoamento: a aglomeração das casas em aldeamentos e o povoamento disperso em pequenos núcleos familiares isolados. Nas regiões montanhosas centrais, em Maubisse, Huatu-Builico, Lete-foho, Tariscai e Laclubar o povoamento disperso é dominante; nas planícies e nos planaltos do leste da ilha as casas reúnem-se de preferência em povoados. Os dois modos de povoamento surgidos em regiões de características orográficas distintas levam-nos a afirmar que o factor geográfico não é o único a dever ser considerado: nas montanhas do centro de Timor, na circunscrição de Bobonaro, surgem densos aldeamentos enquanto que pelas planícies litorálicas da Costa Norte domina o povoamento disseminado em pequenos grupos de cabanas. Assim três factores conjugam-se para determinar em certas áreas de Timor o modo de povoamento em dispersão. O primeiro manifesta-se de natureza geográfica, o segundo de características sociais e culturais e o terceiro resulta da interacção destes dois podendo conduzir, de acordo com as circunstâncias, quer à dispersão quer à concentração em aldeamentos.

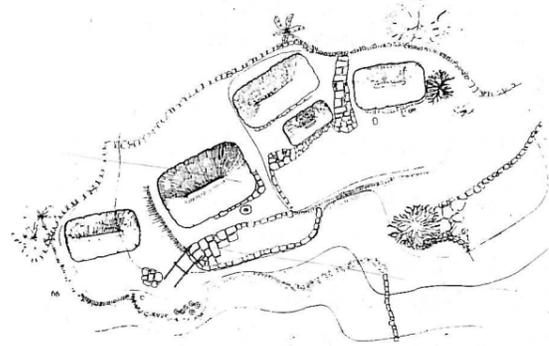
## Mapa de habitação e quadro tipológico

Neste mapa, procedeu-se a um zonamento do território da ilha, segundo os diferentes tipos da habitação timorense. Os limites geográficos de cada tipo são naturalmente imprecisos, constatando-se interpenetrações e áreas de transição de um tipo para o outro. Todos os tipos apresentados são de habitações de piso elevado do solo, variando a sua altura de menos de um metro a mais de três. Existem também habitações assentes directamente no solo mas que não constituem o tipo dominante de qualquer região sendo, na maior parte dos casos, apenas um resultado da influência europeia ou simples construções provisórias.

REGIÃO	PLANTAS E ALÇADOS	ALTITUDE
BOBONARO		MONTANHA
MAUBISSE		MONTANHA
BAUCAU		COLINAS PLANALTO
LAUTEM		COLINAS PLANALTO
VIQUEQUE		PLANÍCIE
SUAI		PLANÍCIE
OCUSSI		PLANÍCIE



Povoação de Loro-Bá. Pequeno grupo de casas (plantas e perfil).



As características fundamentais do povoamento nas sete regiões consideradas são as seguintes:

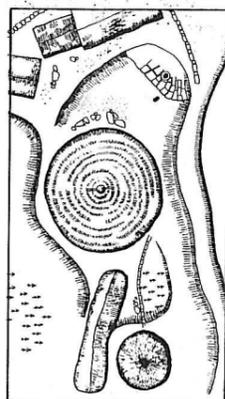
### 1º - Região de Bobonaro

O povoamento disperso predomina. Em determinados *SUCOS*, porém, as casas agrupam-se em densos aldeamentos e distribuem-se ao longo de caminhos de pé posto que convergem irregularmente para o esboço de centro social definido pela árvore sagrada. Cada núcleo de habitações é delimitado por muros de pedra solta e assenta em plataformas empedradas. Em qualquer dos casos, a entrada dos estranhos no aglomerado é única. As culturas de subsistência e de exploração (café) desenvolvem-se em redor sobre socacos de terra batida ou ligeiramente reforçada.



### 2º - Região de Maubisse

Povoamento disperso. As casas agrupam-se em núcleos familiares de dois a três e distribuem-se irregularmente desde o topo das montanhas aos vales mais ensombrados. Cada núcleo é delimitado por muros, alguns fortificados. A exiguidade de espaços nivelados conduz a um aproveitamento cuidadoso do terreno; os campos de cultura são armados em terraços amuralhados. Pratica-se a agricultura mista e a cultura do café.



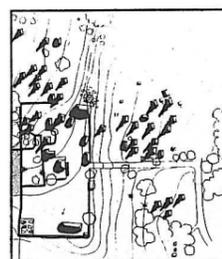
### 3º - Região de Baucau

Povoamento disperso e concentrado. As casas agrupam-se em aldeamentos e em lugares sem que os dois tipos de povoamento demarquem zonas distintas. Cada núcleo familiar, num como noutro caso, é delimitado por muros de pedra solta. As actividades agrícolas repartem-se pela cultura do arroz de várzea, pela cultura do milho e pela exploração do coqueiro.



### 4º - Região de Lautem

O povoamento concentrado predomina. Os aldeamentos, compostos por quarenta a cinquenta casas, algumas de usufruto colectivo, dispõem-se ao longo das estradas ou junto das orlas florestais. Pratica-se a agricultura mista e a cultura do coqueiro (Pehe-Fito).



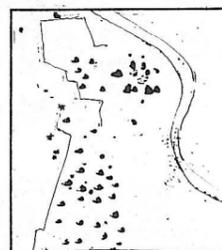
### 5º - Região de Viqueque

Predomina o povoamento disperso. Os aglomerados desenvolvem-se em extensão, nascendo do somatório de vários grupos de casas disseminadas pelas clareiras e ligados por caminhos abertos na floresta. Exploração comunal das várzeas de arroz; agricultura mista. As culturas de exploração compreendem o coqueiro, a arequeira e o tabaco.



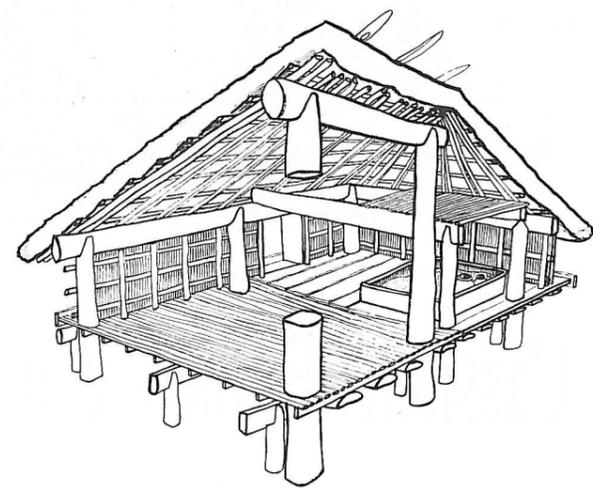
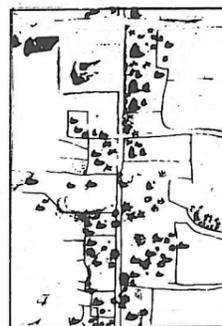
### 6º - Região de Suai

Povoamento concentrado. As casas agrupam-se em aldeamentos distribuindo-se por largos terreiros vedados por sebes vivas e "pagares" - entrelaçados de bambu ou de pecíolos de palmeira. As actividades agrícolas são semelhantes às de Viqueque.

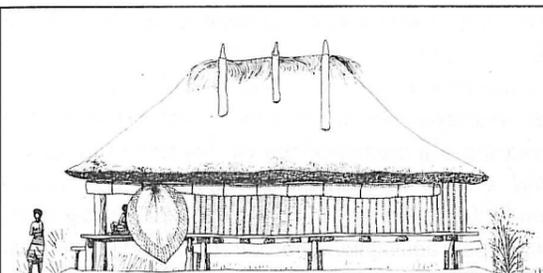


### 7º - Região de Ocussi

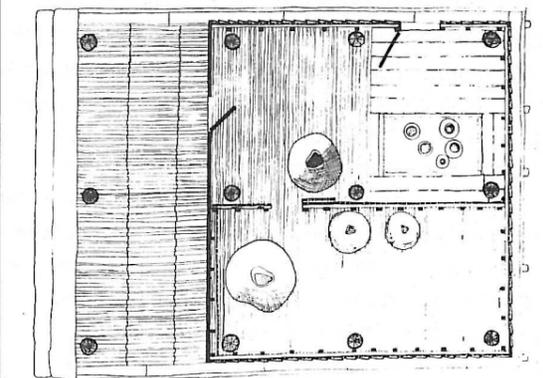
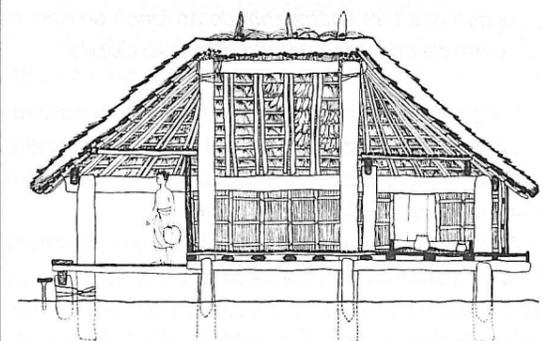
Povoamento concentrado nas planícies e disperso nas montanhas. Os aldeamentos da planície são do tipo linear e formam-se pela justaposição de quintais com duas a três casas (Nuno-Heno). As actividades agrícolas compreendem a cultura hortícola e a cultura do arroz de várzea. Pratica-se a pesca nas ribeiras. A copra é o principal produto de exploração.



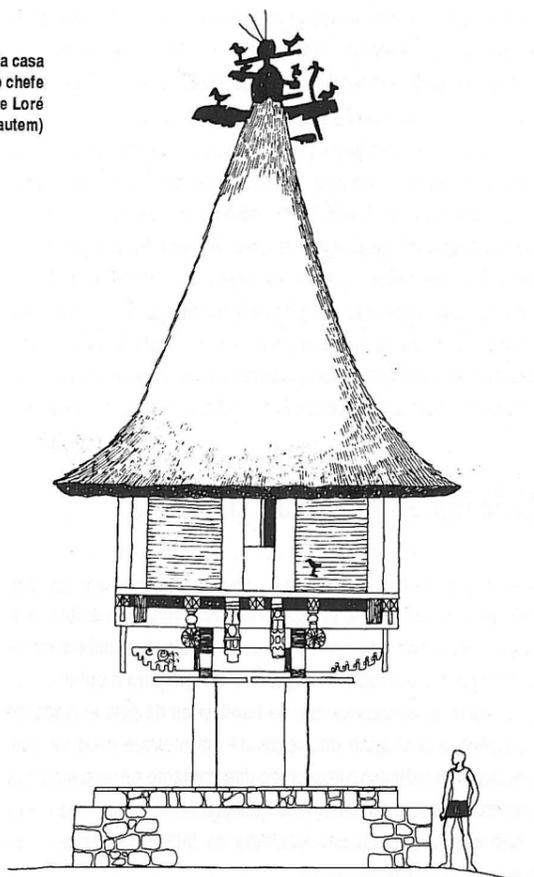
Corte perspectiva de uma casa da região de Ocussi

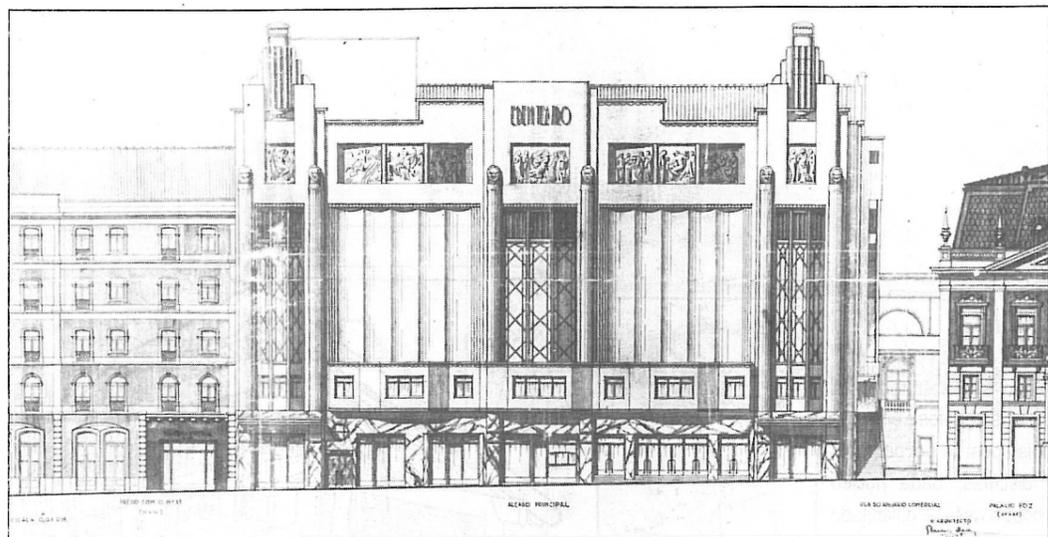


Alçado, corte e planta da casa do chefe da Suco de Lalissuc



Alçado da casa da mãe do chefe de suco de Loré (Lautem)





## Cassiano Branco e o Edén - Lisboa 91

"... Cassiano Branco deu a cara a muitos edifícios e ruas de Lisboa, a partir do seu traço moderno e inovador. O modernismo possível na Lisboa dos anos 30 e 40 teve em Cassiano o protagonismo essencial da sua história e do seu valor cultural.

Para que chegassemos a esta Exposição, desenrolou-se toda uma saga, feita de um envolvimento crescente com o trabalho e a personalidade de Cassiano Branco e o Edén, a partir do momento em que, em boa hora, a Câmara Municipal de Lisboa adquiriu o seu espólio documental. Esta aquisição, e todo o trabalho subjacente a um processo de estudo, classificação e inventariação, despertaram um crescente interesse e entusiasmo em toda a equipa que nos tem acompanhado ao longo do ano, na descoberta deste tempo datado da nossa cidade."

É deste modo que, os coordenadores, Maria do Rosário Bonneville, Elísio Summavielle e Henrique Cayatte nos apresentam a exposição "CASSIANO BRANCO E O EDÉN", inaugurada no passado dia 19 de Novembro e patente ao público até 14 de Janeiro.

Na ENTRADA, apresenta-se-nos Cassiano Branco e o seu tempo. No 1º BALCÃO, a arquitectura do espectáculo, o Portugal dos pequeninos e o Edén Secreto (área privada mandada construir pelo seu proprietário - Conde de Sucena). No FOYER DA PLATEIA, o Edén Teatro, o Edén Cinema e o atelier do arquitecto. No PALCO, a Lisboa de Cassiano - os projectos de Cassiano Branco para Lisboa. Os nunca realizados, os construídos e entretanto demolidos e os ainda existentes. No PORÃO DO PALCO, o outro Edén - o Edén não foi só sala de espectáculos, foi também, cenário de filme, de banda desenhada e inspiração de poeta. Já de saída, o Edén do Futuro, o espaço para a maquete e solução proposta para o novo edifício - lamentavelmente só intenção.

O restaurante-bar, com o ambiente, as ementas e as músicas ao vivo da época - a livraria Municipal - os concertos - os filmes - as visitas guiadas ao Edén e à cidade de Cassiano - os colóquios - fazem parte das iniciativas que decorrerão durante o período da exposição.

Do primeiro colóquio, dedicado ao tema "Cassiano branco e o Edén - Lisboa 91", sem dúvida o mais animado dos dois já realizados, fica a notícia.



Inauguração da Exposição



### Teresa Dantas

O debate iniciou-se com um momento de pesar pelas vítimas de Timor, o moderador do colóquio, Henrique Cayatte, apresentou os participantes: Francisco Silva Dias, Manuel Graça Dias, Pedro Vieira de Almeida, Paulo Varela Gomes, Tomás Taveira.

A existir, para além da morte, Cassiano deve ter tido o seu grande dia de "Glória"...

Após um longo período de encerramento, o Edén tem estado, desde a inauguração da exposição (que teve como mote a compra pela Câmara Municipal de Lisboa do espólio do Arquitecto), numa contínua agitação.

E o primeiro colóquio do programa foi, de facto, um grande show!

## As Escadas tiveram finalmente animação

A organização foi incapaz de prever a sede que existia deste novo tipo de "diversão"!... Nomeadamente no seio da classe dos arquitectos e nos quase dois mil estudantes de Arquitectura presentes. Se na assistência estiveram outros espectadores que não arquitectos ou estudantes da referida arte terão tido, por certo, alguma dificuldade em sentir a verdadeira dinâmica do "improviso". No entanto, ter-se-ão divertido, certamente!

Com o arquitecto Silva Dias fizemos uma viagem no tempo, na qual nos foi mostrada a sua visão (enquanto estudante e jovem arquitecto) de Cassiano Branco. Na sua intervenção, ressalta o arquitecto enquanto projectista dos projectos não encomendados; da Arquitectura como acto cívico, que troca a escrita pelo desenho; que propõe voluntariamente soluções ( a luta de um homem contra o Estado).

O arquitecto Graça Dias deu-nos a visão de Cassiano-urbanista. O seu entendimento da Cidade, da Rua, a utilização de novas tecnologias e novos materiais (betão), o trabalhar dos signos que a população percebe (portas, janelas, entradas, etc.), a sua relação com os construtores/promotores. "... a Cidade ficou mais rica". Mas Graça Dias focou uma outra faceta do Arquitecto: a ironia na atitude, que no pós-guerra, imprime à Arquitectura "cedendo" aos regulamentos da época. " A procura de uma estética nesses elementos torna a Arquitectura de Cassiano Branco mais interessante do que a dos outros arquitectos de então".

O arquitecto Pedro Vieira de Almeida referiu-se inicialmente à Exposição enquanto acontecimento público que conseguiu criar um espaço para lançar dúvidas. A propósito do

Edén... a salvaguarda!... Com que meios? Que alternativas? Para quê? Edén como Máquina! É necessário pô-la a funcionar!

Criticou ainda a "tentativa" actual da criação do Mito - Cassiano Branco quer como Arquitecto Maldito quer como Arquitecto Herói. " A necessidade da criação de mitos põe em causa a coexistência do Bom e do Mau" ( tradicionalistas/modernos).

O Mito Cassiano Branco como Arquitecto Maldito só pode ser entendido como "mal contado", o Arquitecto que não se ajusta, que não foi bom estudado, que não se enquadra hoje e não se enquadrará na sua época (sic). O arquitecto referiu-se ainda à "necessidade de escavar ainda mais a arrumação das estantes (da História da Arquitectura) que estão desarrumadas".

Concluiu, referindo-se a Cassiano como "Arquitecto controverso, que faz e diz ao mesmo tempo várias coisas contraditórias".

Para o Dr. Paulo Varela Gomes, como para críticos do século XVIII que citou, o pombalino é monótono e chato como a obra (urbana) de Cassiano. Terminou a sua intervenção com uma interrogação: terá sentido a ordem de conjunto, quando hoje são os fragmentos que têm mais importância?, após ter classificado a Arquitectura de Cassiano como Banal (no bom sentido, claro!).

O arquitecto Tomás Taveira "considerou" o debate como um "pretexto" para chamar a atenção para a Arte/Arquitectura e o modo como ele é tratada nas Câmaras, no Governo, na Comunicação Social, etc.. E encerrou a sua intervenção colocando uma questão: "Gostaria de falar com quem pensa que a Arquitectura que se faz hoje é feita com liberdade e que a crítica feita à Arquitectura é honesta e informada? De uma maneira geral as intervenções dos participantes deste colóquio permitiram enquadrar, sob vários pontos de vista o Arquitecto Cassiano Branco e um pouco da sua Arquitectura, deixando no ar a necessidade de estudar a sua obra. A principal lacuna foi o Edén...

O Edén cinema, o Edén casa de espectáculos, o Edén teatro!... Deram um toque na classificação, um toque no I.P.P.C., um toque nas escadas, um toque na fachada... e eis-nos perante um prédio prestes a ruir!

E em causa está a forma como serão edificadas, conservadas, protegidas, criticadas e/ou historiadas as obras de Arquitectura. A Câmara Municipal de Lisboa organizou os debates, que não façamos deles apenas espectáculos animados...

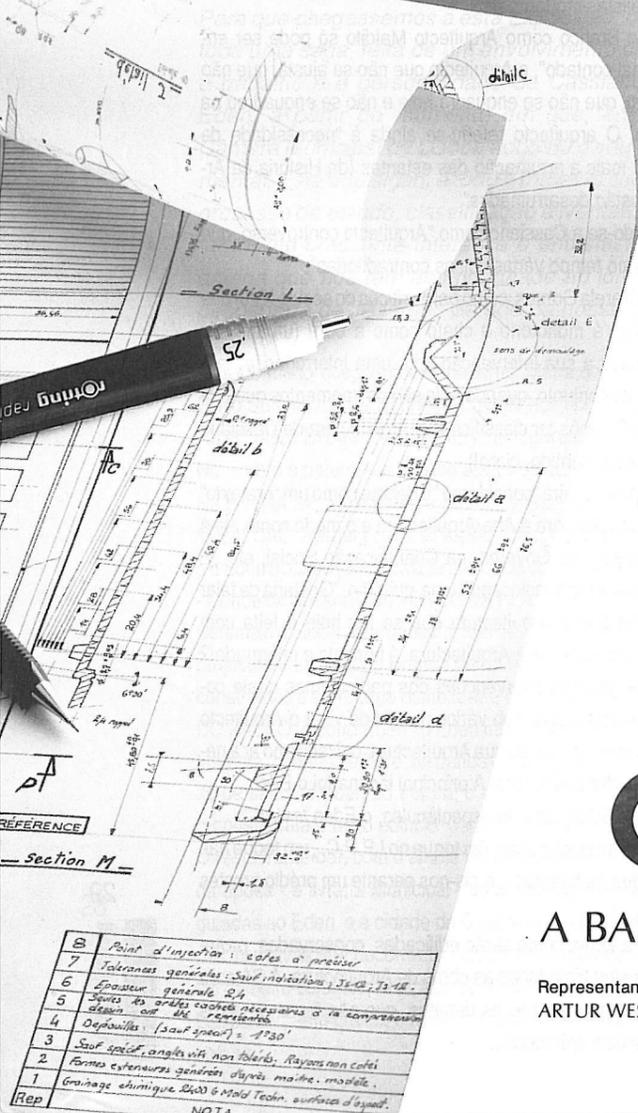


"PAPEL VEGETAL CANSON: À ALTURA DOS VOSSOS PROJECTOS"



Uma inovação técnica, um novo "design"... um avião, um edifício, um telefone com memória... são os sonhos que fazem progredir a realidade! Com o papel vegetal CANSON, a vossa criatividade e o vosso talento ficam libertos de toda a inibição. Com a sua qualidade inalterável, o papel vegetal CANSON permite que "se esqueça dele", colaborando assim, à sua maneira, na realização do vosso único objectivo: o sucesso do vosso projecto.

O papel vegetal CANSON tem uma transparência, uma resistência à raspagem e uma facilidade de arranque que são realmente perfeitas. De 40 a 110 g/m<sup>2</sup>, em folhas, blocos, resmas ou rolos, o papel vegetal CANSON estará sempre "à altura dos vossos projectos".



A BASE EFICAZ DE TODOS OS PROJECTOS.

Representante para Portugal e Ilhas  
ARTUR WESTHEIMER LDA. - Largo Cristóvão da Gama, 10-B Damaia de Baixo - 2700 AMADORA.

8	Point d'injection: cotes à préciser
7	Tolérances générales: Sauf indications, JS-12, JS-16
6	Épaisseur générale: 2,4
5	Spécifier les autres tolérances nécessaires à la compréhension des cotes et des représentations
4	Déterminer (sauf spécification) l'échelle
3	Sauf spécification, angles vifs non tolérés. Rayons non cotés
2	Formes extérieures générales d'après modèle
1	Couleur chimique: 2400 à 2401 Techn. surfaces d'aspect
Rep	

NOTA

**MOVIMENTO DA BIBLIOTECA /OUTUBRO 1991**  
**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS PORTUGUESAS**

**BOLETIM DE INFORMAÇÕES** nº 5323 a nº 5327  
**BOLETINS MUNICIPAIS:**  
Loures, nº 88  
Oeiras, nº 20  
Sesimbra, nº 151

**INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO**, Revista Técnica de Construção civil e Obras Públicas, nº 111 (Entrevista com o Ministro do Ambiente: os ensaios de carga da ponte do Guadiana: Os projectos da CEE em matéria de transporte)

**INGENIUM**, Revista da Ordem dos Engenheiro (O aeroporto Francisco Sá Carneiro: Classificação do centro histórico de Coimbra como património mundial: Controlo de qualidade de materiais isoladores de vibrações; Sistema "Caurtileyes").

**NOTÍCIAS DO INH**, nº2  
**PODER LOCAL**, Revista de Administração Democrática, nº 107 e nº 108.

**PROJECTO**, Revista Brasileira de Arquitectura, Planeamento, Desenho Industrial, Construção, (Renovação urbana: Álvaro Siza no Chiado; Arquitectura argentina: cinquenta anos de Regional Architecture Bancária; Arquitectura da nova geração: novíssimos arquitectos; Ensaio e pesquisa: arquitectura e poesia; Jornal Projecto; Suplemento técnico;divisórias normas técnicas, materiais e serviços)

**URBANISMO E CONSTRUÇÃO**, nº 280 a nº 282

**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ESTRANGEIRAS**

**ARCH & LIFE**, nº 43  
**THE ARCHITECT'S JOURNAL** (Londres), nº 12 a 16 - Nº12: News: Top seven for Cheltenham; Royal Opera House kicks off; remarking Liverpool; Buildings: Lille comes of age; Technical: composite metal panels - Nº13: News: continued professional mass; RIBA designs on White Paper; Feature: Venice Biennial; Buildings: Finnish regionalism; Review: visions of Japan - Nº14: News: end of recession in sight; "Rain Man" conquers ski-slopes; Feature: ideas for Dublin; Buildings: housing in Bloomsbury; Practice: coping with the blues - Nº15: News: croatian plea for help; Kurokawa meets Van Gough; Special issue: royal festival hall; Making a modern masterpiece; Review: 1930s classicism - Nº16: News: Krier's Poundbury vision; Foster Associates at Spitalfields; Feature: A wild house in Camden; Buildings: Loyds Bank HQ, Bristol; Review: Piero Fornasetti

**ARCHITECTURE**, The Magazine of the American Institute of Architects, nº 8 e nº9

Nº 8: Architects of the Southwest; Metal detailing  
Nº 9: California civic buildings; Engineering wood  
**ARCHITECTURE TODAY** The Independent Architectural Magazine (Londres), nº22

**ARCHITECTURE/BOUWEN**, Associação dos Arquitectos Holandeses, nº9

**ARCHITECTURA**, Revista del Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, nº 288

Dossier: Donald Judd; Hannes Meyer, 1926-1930

**BYGGEKUNST**, nº 6

**CASABELLA**, Rivista Internazionale di Architettura, nº 582  
(Duas obras recentes de Tadao Ando no Japão. Projectos residências de Hans Kollhoff na Alemanha e Holanda. Contributos e crítica: Franco Purini, Casa Malaparte; Mário Manieri Elia, conservação; Bernardo Secchi, temporalidade no planeamento. Em memória de Max Frisch: ensaio sobre planeamento urbano. Editorial dedicado à sugestão do novo minimalismo. Documento histórico: o Túnel do Canal da Mancha, do imaginário à construção.

**D'ARCHITECTURES**, Le Magazin Professionnel de la Création Architectural, nº 19  
(Jean-Paul Alduy: Maître d'ouvrage: Marchés de l'architecture: l'incertitude: les frères Lombard, deux profils)

**DER ARCHITEKT**, Bona, nº 9

**DETAIL**, Review of Architecture, Munique, nº 4

**IL LABORATORIO**, Rivista Trimestrale di Cultura, Florença, nº 2

**L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI**, Paris, nº 276  
Dossier: Lumières de l'époque.

**LE MAUSOLEE**, Arts & Techniques des Roches de Qualité, nº 661

**RIBA**, Journal of the Royal Institute of British Architects, Londres, nº 10

(St. Mary's: the inside story; A new order at the exchange; The art of regency drawing)

**TEFCHOS**, International Review of Architecture, Art and Design, Atenas, nº 6

(V bial de arquitectura: a presença grega; Dossier: Alessandro Christofellis; Museus)

**UIA**, Lettre d'information, Ago./Set. 1991

**PUBLICAÇÕES NÃO PERIÓDICAS**  
**UNITED EUROPE ARCHITECTS**, Paris, Editions United Europe, 1991 (cota 2867)

**PASSIVE SOLAR ENERGY AS A FUEL**: a study of the current and future use and passive solar energy in buildings in the European Community. Bruxelas-Luxemburgo, ECSC, 1990 (cota 2871)

**ENCONTRO SOBRE O ENSINO DA ARQUITECTURA, A PRÁTICA PROFISSIONAL E A INTEGRAÇÃO EUROPEIA**. Lisboa, AAP, 1991 (cota 2872)

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL "QUALIDADE DA ÁGUA - AVALIAÇÃO E GESTÃO"**. Lisboa, PGRIH/T, MARN, 1990 (cota 2873)

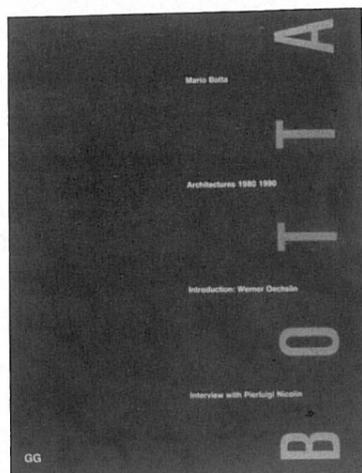
**PROJECTO TEJO**: caracterização da qualidade da água do Rio Nabão. Lisboa, Direcção Geral dos Recursos Naturais, 1990 (cota 2874)

**VENDA DE PUBLICAÇÕES**

Para além das Editoras anunciadas em anteriores números do JA, informa-se que a partir de agora estão à venda na Biblioteca/AAP livros da Editorial Presença, com 15% de desconto para associados e estudantes de Arquitectura.

São os seguintes os títulos disponíveis:

- Colecção "Cidades e Vilas de Portugal";
  - Colecção "Novos Guias de Portugal";
  - Dicionário da Arte Barroca em Portugal;
  - Dicionário Ilustrado de Belas Artes;
  - G. Carlos ARGAN, Walter Gropius e a Bauhaus
  - Rudolf ARNHEIM, A dinâmica da forma arquitectónica
  - Carlo AYMONINO, O significado das cidades
  - Leonardo BENEVOLO, As origens da urbanística moderna
  - Leonardo BENEVOLO, et al., Projectar a cidade moderna
  - F. Chueca GOITIA, Breve história do urbanismo
  - Wilfried KOCH, Estilos de arquitectura II
  - Dieter PRINZ, Urbanismo II, configuração urbana
  - António Jacinto RODRIGUES, A Bauhaus e o ensino artístico
  - Helen ROSENAU, A cidade ideal, evolução arquitectónica na Europa
  - Otto von SIMSON, A catedral gótica: origens da arquitectura gótica e o conceito medieval de ordem
  - Manfredo TAFURI, Projecto e utopia
  - Brenda e Robert VALE, A casa auto-suficiente
- Encontra-se também à venda na Biblioteca o II volume das "Normas Urbanísticas".



## Mário Botta Architectures 1980

1990, 223 pág. - Gustavo Gili, Barcelona 1991  
Prémio de Excelência em Publicações sobre Arquitectura da AIA, American Institute of Architects - Award 1991

Mário Botta, na sua própria misógena potência inventiva, vigorosa expressão de fazer Arquitectura e superior vontade de criar, inovar e surpreender, tem feito nascer alguns dos mais fascinantes e coerentes edifícios aproximados do Sonho. Os volumes encorpados na forma temporal, refugiam-se claramente na forma intemporal da Arquitectura. O vértice visual provocado, reporta-se à Utopia inicial referenciada aos Comics e ao Cinema, propondo elementos para os cenários da Dream ou da Wonderland, concebendo e concretizando sucessivamente maravilhas arquitectónicas, dispersas pelo tecido urbano de relativa monotomia ou repousando sobre o cenário morfológico natural, vibrante e desconcertante (vejam bem as págs. 85 e 93).

Cada edifício de Botta procura uma suspensão do quotidiano, uma ânsia do extraordinário e do sublime e para o alcançar recorre à arquitectura prodigiosa, ao delírio sublimado pelo rigor e segurança do desenho, à solidez e luminosidade própria dos edifícios debaixo do Céu. A Arquitectura de projecção internacional do após Modernismo, prestou-se sobretudo a uma explanação da fantasia e da liberdade criativa geral, apoiada na concretização da panóplia de soluções tecnológicas, consequência dos diversos conceitos sociológicos com que a sociedade sem valores tem recorrido e permitida pela euforia geral da riqueza Ocidental. Botta acentua uma viragem para uma forma de fazer Arquitectura mais expressionista, predominando as configurações geométricas reguladoras, onde se pontuam acontecimentos tipológicos, construtivos e decorativos com reminiscências cubistas futuristas, próprias de uma estética teatral, onde o dinamismo dos actores, é susceptível de alterar o espaço e o sentido de referência à vida, aqui vivida a quatro dimensões.

Botta vem ainda recuperar o objecto surrealista, que dá vida animica ao quotidiano dos homens surrealistas para quem a vida urbana absurda em todas as esquinas (Eugénio Montes). Este homem urbano a converter de novo o sentido da vida, deve saber apreciar a existência e a extensão do maravilhoso. O maravilhoso é sempre belo, todo o maravilhoso, seja qual for, é belo e poderoso e

podemos mesmo dizer que somente o maravilhoso é belo (André Breton). Se a busca deste maravilhoso quotidiano se pode revelar nos cenários construídos, o maravilhoso pode ser a própria Arquitectura, porque os lugares urbanos e os edifícios não se podem individualizar das acções que neles decorre. E o que sucede é provocado continuamente pelos cidadãos, de uma forma concertada e activa nos cenários materializados pela Arquitectura. Botta que dá corpo à Arquitectura e forma à cidade, deve questionar-se, como se interrogou Breton. **Que passam a ser no sonho, o tempo, o espaço, o princípio da casualidade?** A Arquitectura que dá forma à existência social do homem, é a garantia da maturidade enquanto cidadão e homem livre. Botta é arquitecto e surrealista, porque dá forma aos edifícios mais vibrantes, elegantes, desconcertantes e fascinantes que, arrancados ao imaginário do Sonho, têm brotado desta Europa.

Este é um livro que envolve algum do mais nobre corpo e sangue da Arquitectura Moderna e é motivo para o usarmos e abusarmos. É em inglês, pois é, é soberbo como devem ser as coisas raras, é caro como devem ser os objectos apetecidos, é bom porque a Gili os sabe fazer. Empenhem-se e comprem dois, um para deliciarem o vosso desejo ouvindo Screamedelica dos Primal Scream e o outro para oferecerem a quem ainda não descobriu a Arquitectura.

Mário Chaves

# Novos Associados AAP

O JA continua a dar as boas vindas aos jovens associados.

## Boa sorte

### DISTRITO DE LISBOA

#### Rui Manuel Ferreira Pereira Orfão

R. do Arco do Marquês do Alegrete, 13 - 3º Dtº  
1100 LISBOA

#### Pedro Miguel Teixeira Fidalgo

R. Augusto Machado, 5 - 4º Dtº  
1900 LISBOA

#### Carlos Frederico Pereira de S. Calvet da Costa

R. da Vinha, 33 r/c  
1200 LISBOA

#### António José de Jesus Teixeira

R. J, lote 313 - Vivenda Fonseca  
Bairro da Paradela  
2675 ODIVELAS

#### Miguel Augusto Monteiro M. da Silva Brito

R. Dr. João de Barros, 235  
2750 CASCAIS

#### Maria Benedita Cordes V. Candeias A. Martins

R. Cidade de Bruxelas, 4 - 3º Dtº  
2735 CACÉM

#### Rui Paulo Arez Fernandes

R. Costa Pinto, lote 40 - 1º C  
2750 CASCAIS

#### Herberto Bruno de Freitas Mendes

R. Luciano Cordeiro, 30 - 2º Esqº  
1100 LISBOA

#### Miguel Filipe Pires de Matos

Estr. de Benfca, 705 - 7º E  
1500 LISBOA

#### Rui Manuel da Silva Duarte

R. Eugénio de Castro Rodrigues, 1 - 7º Esqº  
1700 LISBOA

#### Sebastião Carvalho Araújo Moreira

R. D. João V, 6 - 1º Dtº  
1200 LISBOA

#### Vitor Manuel Carreira Araújo

R. Infante D. Henrique, 50  
Pontinha  
1675 LISBOA

#### André Teotónio S. Paim de Bruges e Saavedra

R. Vila Fulacunda, 6  
Olivais Sul  
1800 LISBOA

#### Pedro Manuel Peixoto D. Martins Verissimo

Urb. da Portela, lote 136 - 3º B  
2685 SACAVÉM

#### Paulo Jorge da Cruz Fernandes

Urb. da Portela, lote 40 - 8º Dtº  
2685 SACAVÉM

#### José Manuel Amante Rosa Freire

R. Costa Pinto, l01 - 1º Dtº  
Paço D'Arcos  
2780 OEIRAS

#### Maria da Conceição Reis da Costa

R. José Afonso, lote 9 - 2º Dtº  
2700 AMADORA

### DISTRITO DE SETÚBAL

#### Ana Isabel Afonso Vilão

R. Cândido Oliveira, 81 - 2º Dtº  
2830 BARREIRO

#### José Manuel Nunes Laranjeira

R. do Poço, 6 - 1º  
2890 ALCOCHETE

### DISTRITO DE LEIRIA

#### Ramiro Arquimedes Baptista Marques

Pr. do Município, 16 - 2º Esqº  
2490 OUREM

### DISTRITO DE COIMBRA

#### Edite Maria Figueiredo e Rosa

Av. Calouste Gulbenkian, 81 - 1º Dtº  
3000 COIMBRA

### DISTRITO DO PORTO

#### Mário José L. do Nascimento G. Trindade

R. Vasco de Lobeira, 3  
4300 PORTO

#### José Augusto de Sá Guedes Pinto

R. Júlio Dinis, 143 A - Hab. 92  
4000 PORTO

#### Joaquim Carlos Pinto de Almeida

R. Alto da Bela, 263 - Casa 4  
4300 PORTO

### DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

#### Francisco Manuel Marques Franco

Urb. Capitães de Abril, 10º C  
4900 VIANA DO CASTELO

### DISTRITO DE FARO

#### Maria Luísa Quintino G. de Castro

Casa do Pinheiro - Praia da Rocha  
8500 PORTIMÃO

### MADEIRA

#### José Luis Rodrigues Ferreira

R. Serpa Pinto, 29  
9000 FUNCHAL

## Finalistas de Arquitectura em viagem no Brasil

Até à data de fecho desta edição, encontram-se no Brasil, em viagem de finalistas os alunos do curso de 1986/91 da Faculdade de Arquitectura de Lisboa.

A viagem que teve o apoio das firmas Mundiporta e Barros & Barros, possibilitou a visita durante 15 dias a grande parte do litoral brasileiro desde o Noroeste ao Rio de Janeiro, fazendo a indispensável escala em Brasília, por todo o seu interesse urbanístico e arquitectónico.

Foram feitos contactos no âmbito do CIALP, no sentido dos jovens arquitectos serem recebidos na Faculdade de Arquitectura do Rio de Janeiro.

O Jornal Arquitectos deseja aos jovens arquitectos uma agradável estadia.

## Auto de Conciliação

Aos 17 de Outubro de 1991 reuniram nas instalações da AAP, o Presidente e o Vice-Presidente do Conselho de Delegados, o Presidente do Conselho Directivo Regional Sul da AAP, o Delegado, arquitecto Vasco Cunha e os arquitectos José Troufa-Real e Nuno Teotónio Pereira, com o objectivo de analisar o processo relativo ao contencioso entre os dois últimos.

O processo teve origem numa queixa apresentada pelo arquitecto Troufa-Real ao Conselho Directivo Regional do Sul, e remetida por este nos termos dos Estatutos ao Conselho de Delegados que deliberou nomear relator o arquitecto Vasco Cunha.

Na sequência da publicação da lei 23/91 de 4 de Julho de 1991 (Lei da Amnistia) o Presidente do Conselho de Delegados deliberou pelo arquivamento do processo dando conhecimento aos envolvidos.

Pelos presentes nesta reunião foi considerado ser negativo para todos os envolvidos a situação criada pela amnistia, já que está em causa não só o bom nome dos arquitectos, mas também, pelo facto de terem ambos no presente ou no passado, exercido cargos associativos nos Órgãos Sociais da AAP, o prestígio e reputação desta, tanto mais que alguns dos assuntos do processo vieram a público.

Foi ainda considerado:

- Que a acção exercida pela AAP foi neste caso prejudicada pelo atraso dos procedimentos no Conselho de Delegados, o que este assume por inteiro.

- Que a via do diálogo deve no futuro ser utilizada como primeiro objectivo dos

### Os Signatários:

Arqtº Manuel Moreira

Arqtº José Daniel Santa-Rita

Rita

Arqtº Pedro Brandão

Arqtº Vasco Cunha

Arqtº José Troufa-Real

Arqtº Nuno Teotónio Pereira

Lisboa, 17 de Out. de 1991

Órgãos da AAP com jurisdição disciplinar, sempre que as queixas apresentadas se refiram aos deveres recíprocos dos arquitectos.

- Que os termos do Artigo 42, alíneas a, b, c do Código Deontológico necessitam de aclaração e divulgação, no sentido da recomendação de que, independentemente do grau de relação mais ou menos profunda entre o trabalho realizado por um arquitecto e antecedentes anteriormente elaborados por outros, deve ser encorajado o contacto de cortesia e esclarecimento entre os Colegas com o objectivo de evitar equívocos e eventuais conflitos de interesses.

- Que é de toda a conveniência não só para a isenção e seriedade de que se deve revestir a acção disciplinar da AAP como para os interesses dos arquitectos envolvidos em acções de natureza disciplinar no âmbito da AAP, que estes se abstenham de qualquer referência pública aos factos objecto de queixa, até à conclusão dos processos.

Face a estas considerações os presentes decidiram dar o contencioso por encerrado e solicitar ao Jornal Arquitectos a publicação deste auto.

## Informação Fiscal

### 1. Objectivo

Com esta informação pretende-se relembrar os associados que durante o presente ano auferiram rendimentos provenientes de trabalho independente, dos principais encargos com a respectiva actividade que são aceites como custo fiscal.

### 2. Desenvolvimento

Tendo em conta os limites impostos, definidos percentualmente para algumas deduções, podem-se agrupar estes encargos do seguinte modo:

- 1 - Encargos dedutíveis na totalidade;
- 2 - Encargos dedutíveis na totalidade, mas reduzidos a 50 % quando relacionados com viaturas afectas à actividade;
- 3 - Encargos dedutíveis até ao limite de 10 % do rendimento bruto da categoria.

Apresentamos de forma sintética o conjunto dos encargos fiscalmente dedutíveis.

### DEDUÇÕES ESPECÍFICAS AOS RENDIMENTOS DA CATEGORIA B

#### Encargos conexos com a actividade (nº 1 Artº 26 do CIRS)

##### I - Dedutíveis da totalidade

- Remunerações e encargos obrigatórios com empregados e colaboradores (alínea a)
- Pagamento de serviços prestados por terceiros (alínea e)
- Consumos de água e energia (alínea g)
- Comunicações (alínea h)
- Bens de consumo utilizáveis no exercício da actividade (alínea i)
- Contribuições obrigatórias para a segurança social (alínea m)
- Quotizações para ordens, sindicatos e organizações profissionais (alínea n)
- Deslocações, viagens e estadas dos empregados (alínea o)

##### II Dedutíveis na totalidade ou reduzidos a 50 % (\*)

- Rendas de instalações e equipamento (alínea b) (\*)
  - Amortizações (1) de instalações e equipamento e eventuais grandes reparações (alínea c) (\*)
  - Prestações derivadas de contratos de locação financeira (mobiliária e imobiliária) (alínea d) (\*)
  - Seguros conexos com a actividade (alínea f) (\*)
- \* Reduzidos a 50 % quando relacionados com viaturas (nº 4 artº 26)

##### III - Dedutíveis dentro de certos limites do rendimento bruto (nº 5 e 6 do artº 26)

##### Até 10% No Seu Conjunto

- Valorização profissional (alínea j)
- Representação profissional do Contribuinte (alínea l)
- Outras despesas indispensáveis à formação do rendimento (alínea q)

### Até 10%

- Deslocações
- Viagens
- Estadas

Se efectuadas pelo sujeito passivo de imposto

(1) O cálculo das amortizações é efectuado de acordo com o artº 28º do CIRC (não aceites como custo as amortizações das viaturas ligeiras na parte excedente a 4 000 000\$00).

Quando a actividade do contribuinte é exercida em conjunto com outros profissionais os encargos comuns podem ser rateados em função da respectiva utilização ou repartidos proporcionalmente ao rendimento bruto auferido por cada um deles.

Casos há, em que uma parte da habitação do sujeito passivo está afectada à actividade independente. Sempre que tal aconteça podem ser deduzidos aos rendimentos da categoria B uma parte dos encargos com a habitação, adoptando-se para o efeito critérios da razoabilidade.

Assim, podem ser descontadas parte das despesas, como água, electricidade, telefone, renda, amortização (em caso de habitação própria). Refira-se por último que todos os encargos dedutíveis devem estar convenientemente documentados.

Há ainda a referir a existência de um entendimento sobre a utilização de automóvel próprio do outro conjugue ou de terceiro em que as despesas de deslocação e manutenção podem ser consideradas como encargos ou custos desde que o sujeito passivo demonstre que o veículo foi utilizado como instrumento exclusivo de trabalho do mesmo (alíneas e, f) e g) do nº 2 do artº 1678 do Código Civil) ou possuir um direito sobre a viatura que lhe dê acesso à respectiva utilidade económica caso seja locatário ou usufrutuário. Em nenhuma destas situações há lugar a amortizações ou reintegrações.

### 3 - Próximas Obrigações Fiscais e Datas Limites

a) Entrega de retenções na fonte (artº 91 nº 3) verifica-se quando os contribuintes possuam, contabilidade organizada e tenham efectuado retenções na fonte do pagamento de rendimentos de trabalho dependente ou independente nos meses de Outubro e Novembro; e de rendimentos prediais ou de capitais pagos no mês anterior.

#### 20 de Dezembro

b) Imposto do Selo de recibos de ordenados. O imposto de selo dos recibos é pago nos mesmos prazos que as retenções na fonte sobre os rendimentos de trabalho dependente, mas com a limitação do pagamento apenas poder ser efectuado na respectiva Repartição de Finanças.

#### 20 de Dezembro

c) Entrega da declaração periódica e respectivo pagamento do IVA se se estiver em regime mensal (nº 1 do artº 26 e nº 1 do artº 40 do CIVA).

#### 31 de Dezembro

d) Remessa à direcção de finanças da declaração de limitação do terceiro pagamento por conta referente às categorias B,C,D.

#### 5 de Dezembro

e) Terceiro pagamento por conta do imposto relativo às categorias B,C,D desde que o montante calculado de cada prestação não seja inferior a 10 000\$00.

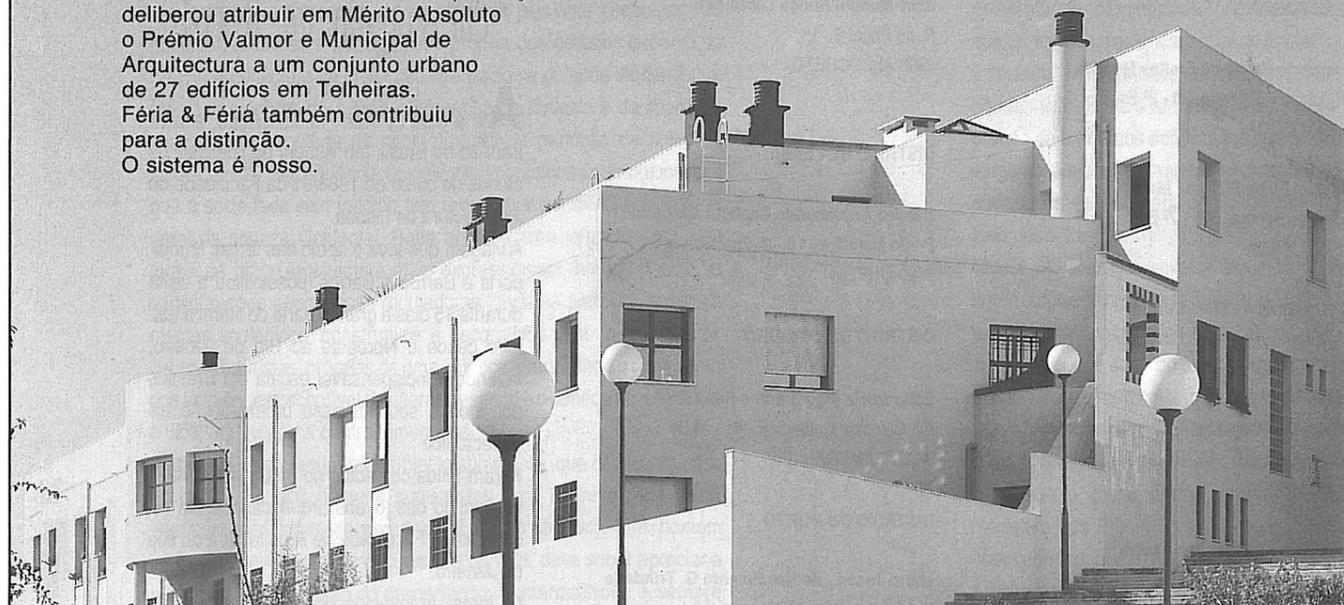
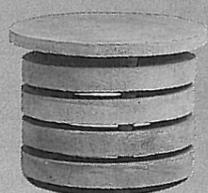
#### 20 de Dezembro

f) Terceiro pagamento por conta do imposto sobre o rendimento das pessoas colectivas desde que o montante calculado de cada prestação não seja inferior a 40 000\$00.

#### 30 de Dezembro

## A VENTILAÇÃO TÉRMICA "FÉRIA" também é Prémio Valmor!

Em Dezembro de 90 o Júri de Apreciação deliberou atribuir em Mérito Absoluto o Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura a um conjunto urbano de 27 edifícios em Telheiras. Féria & Féria também contribuiu para a distinção. O sistema é nosso.



FÉRIA & FÉRIA, LDA. - Rua Dr. Gama Barros, 27-B • 1700 LISBOA • Telef.: 89 47 34 - 80 55 10 • Fax: 80 48 15

# Sistema de informação materiais e serviços para a construção civil

Para o prosseguimento da organização do sistema de informação sobre materiais e serviços para a construção civil, a Secção Regional do Sul da Associação dos Arquitectos Portugueses conta com a boa colaboração de todos os interessados - empresas produtoras e/ou de comercialização, empresas de construção civil, associações profissionais e empresariais, departamentos do Estado e profissionais individualmente. Todas poderão emitir opiniões e fazer sugestões sobre esta temática.

#### CHRISTINE E KARL - Importação e Exportação, Lda

Nome da Empresa	
Sede	Apartado 572 8500 Portimão
Morada da Produção	
Morada da Comercialização	Quinta Sra. da Saúde- Companheira - 8500 Portimão
Tipo de actividade	Imp./Exp. e Comerci. de tintas ecológicas minerais, produtos naturais
Ramo ou sector	Construção civil
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou serviços	Perfis vedantes de borracha p/portas, janelas. Tintas impregnantes de madeira, esmaltes, vernizes.
Marcas que a empresa representa ou comercializa ou fabrica	LEINOS, DEVENTER, SILAT, SILASIL, SILCOSAN

#### EXPCOR, SA

Nome da Empresa	
Sede	Meladas - Mozelos - Lourosa-Itexcork-Vendas Novas
Morada da Produção	Corticeira Amorim Algarve - Silves
Morada da Comercialização	Edifício Meladas 66 Mozelos-4535 Lourosa
Tipo de actividade	Produção/Comércio
Ramo ou sector	Cortiça
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou serviços	Isolamentos Térmico-Acústico, Vibrático
Marcas que a empresa representa ou comercializa ou fabrica	AMORIM

#### LAR-OZON - COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LDA

Nome da Empresa	
Sede	Rua do Crucifixo, 116-3ºG 1100 Lisboa
Morada da Produção	Pcta. António Sérgio, 2B Qta da Lomba 2830 Barreiro
Morada da Comercialização	Rua Manuel Saigueiral, 144-A Canidelo - 4400 V.N.Gaia
Tipo de actividade	Indústria e Comércio
Ramo ou sector	Aparelhos Eléctricos
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou serviços	Vários aparelhos de purificação de água, ar
Marcas que a empresa representa ou comercializa ou fabrica	LAR-OZON-INDUSTRIAL, MINI, JOVEM, GEL-OZON - JOVEM MINI, AR-OZON

#### PROMOTÉCNICA - Promoção Técnica de Vendas, Lda

Nome da Empresa	
Sede	Rua de Campolide, 26-A 1000 Lisboa
Morada da Produção	Idem
Morada da Comercialização	Trav. da Fábrica dos Pentos, 8 - 1200 Lisboa
Tipo de actividade	Importador
Ramo ou sector	Iluminação
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou serviços	Armaduras, Lanternas, Alogéneos, etc.
Marcas que a empresa representa ou comercializa ou fabrica	NORAL, NOKIA, ORNALUX, AHLSTROM, LIVAL, GOCCIA, SIMES

#### IMPERALUM - Soc. Com. Rev. e Impermeabilizações, SA

Nome da Empresa	
Sede	Zona Industrial-Pau Queimado 2870 Montijo
Morada da Produção	Idem
Morada da Comercialização	Idem
Tipo de actividade	Produção e Comércio
Ramo ou sector	Materiais p/ Impermeabilizações e Isolamentos térmicos e acústicos
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou serviços	Membramas e betuminosas Isolamentos térmicos, e acústicos
Marcas que a empresa representa ou comercializa ou fabrica	

#### ROCA PORTUGAL, LDA

Nome da Empresa	
Sede	Odivelas
Morada da Produção	Leiria
Morada da Comercialização	Rua José Duarte Lexim, It-6 - 2675 Odivelas
Tipo de actividade	Produção e Comércio
Ramo ou sector	Quartos de banho, aquecimento central, ar condicionado, cerâmica
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou serviços	Quartos de banho, aquecimento central, ar condicionado, cerâmica
Marcas que a empresa representa ou comercializa ou fabrica	ROCA, MADALENA

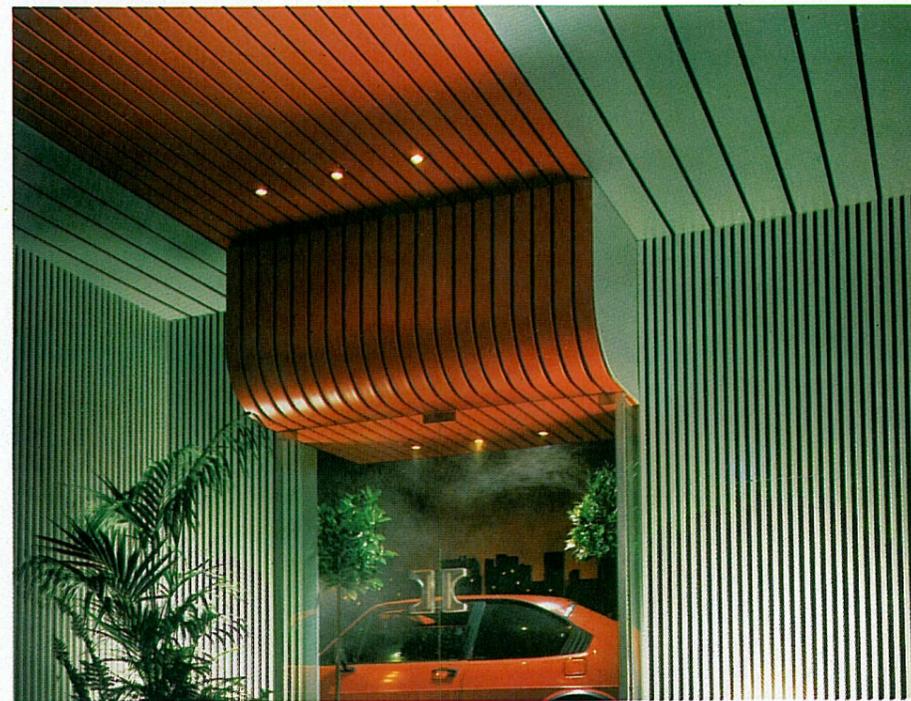
#### PLASTITAL - Soc. Tecnológica Plástica, SA

Nome da Empresa	
Sede	Rua Mário Amaral, It 2 IJ Murtal 2765 Estoril
Morada da Produção	Idem
Morada da Comercialização	Outeiro S. Julião, Rua António Galvão, B1 F-Lt 4 - 1º Dt. 2780 Oeiras
Tipo de actividade	Produção e comercialização
Ramo ou sector	(Caixilharias) P.V.C.
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou serviços	Caixilharia em P.V.C. com vidro duplo
Marcas que a empresa representa ou comercializa ou fabrica	FERSINA

#### MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO CUNHA GOMES, SA

Nome da Empresa	
Sede	Rua da Constituição, 2309 - 4200 Porto
Morada da Produção	Idem
Morada da Comercialização	Estrada da Circunvalação, 9543 - 4200 Porto
Tipo de actividade	Comércio-Importação e exportação
Ramo ou sector	Cobertura de edifícios, revestimentos cerâmicos quartos de banho e cozinhas, aquecimento
Tipo de materiais e/ou elementos e/ou serviços	Telhas, tijolos, pavimentos, revestimentos cerâmicos
Marcas que a empresa representa ou comercializa ou fabrica	TODAGRÉS, JRS, VILLEROY & BOCH, JACOB DELAFON, FRANKE, MAGOM

LUXALON®

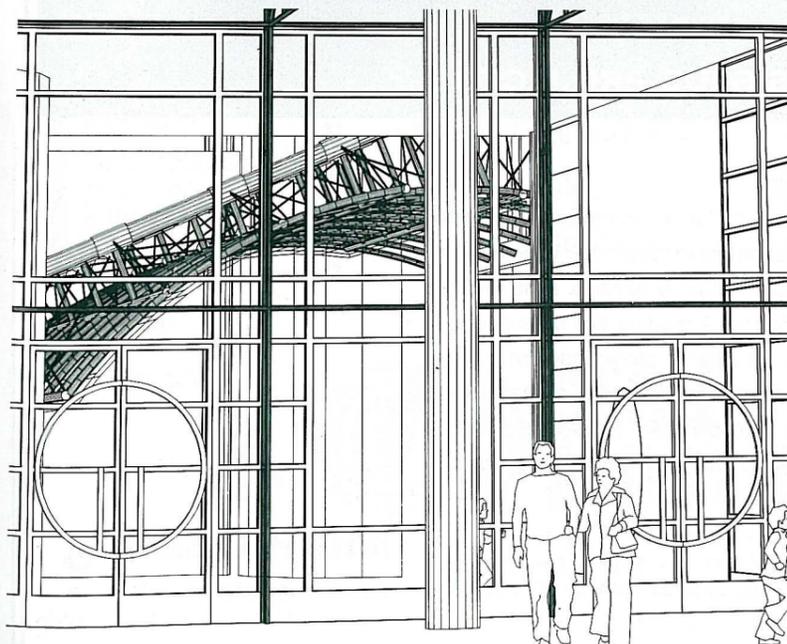


**HORÁCIO COSTA LDA**

CONCESSIONÁRIO/FABRICANTE PARA PORTUGAL

LISBOA - Rua do Salitre, 85 — 1200 Lisboa • Tel.: 53 75 84 / 52 77 50 • Fax: 52 77 50  
PORTO - Trav. da Cedofeita, 55 — 4000 Porto • Tel.: 200 35 66 • Fax: 200 35 66  
LUANDA - Rua de S. Tomé, 2 — 4º — Luanda • Fax 34 16 67

**ARCT**



ARQUITECTURA  
ASSISTIDA POR COMPUTADOR

TRIDIMENSIONAL  
SOFISTICADA  
PODEROSA

*Megon  
especiais*

**APLISOFT**

Av. São João de Deus, 23, 6ºB, Dto. 1000 Lisboa  
Tel. 847.34.68 a 73 Fax. 848.99.47



**DAMOS MAIS FORÇA AOS SEUS PROJECTOS.**

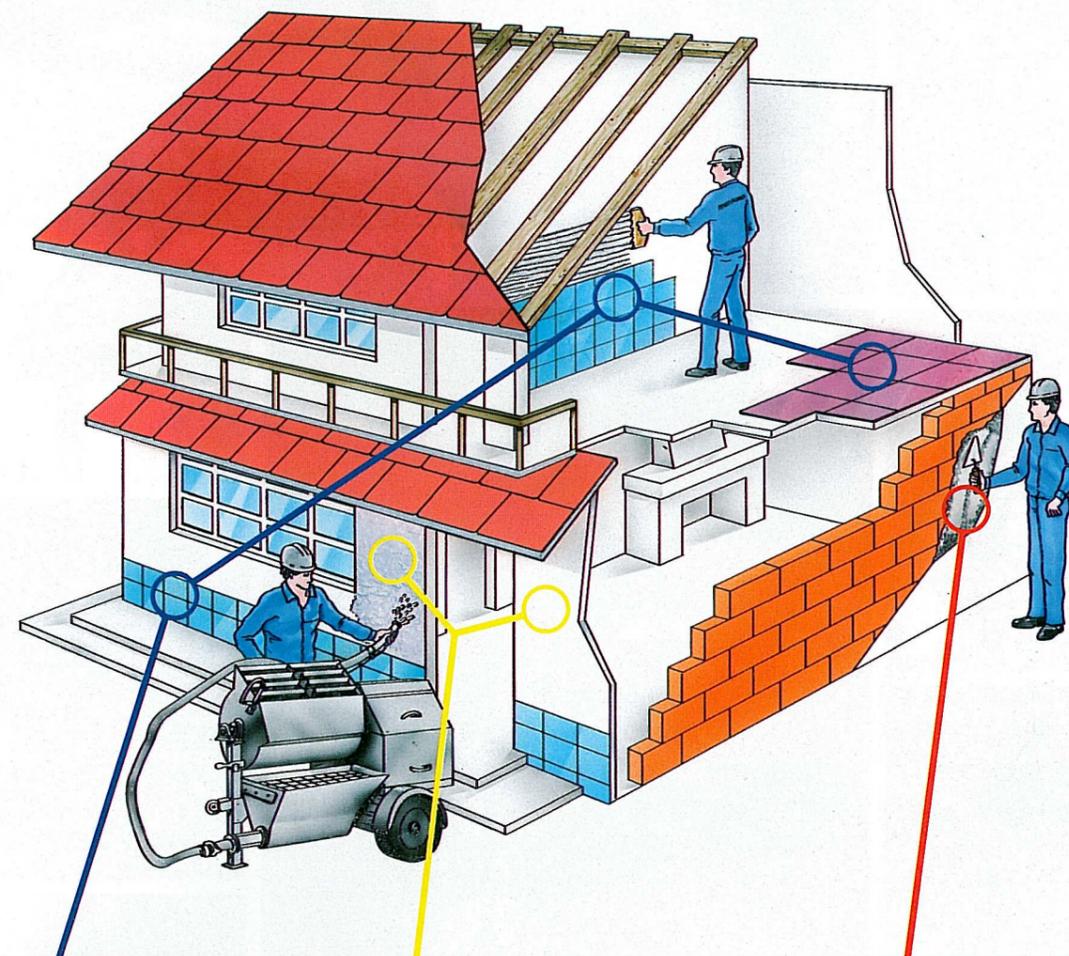
A Mundileasing dá mais força aos seus projectos.

Com Flexibilidade, porque acreditamos que não há nenhuma Empresa como a sua. Que é única. E que, portanto, tem necessidades próprias que esperam por soluções concretas. Com Dinamismo, porque tempo é dinheiro. E há respostas que têm de ser dadas rapidamente, com eficácia, à medida dos seus desejos. Com Inovação, porque temos de estar sempre à frente, oferecendo aos nossos Clientes um Serviço cada vez mais completo, diversificado e, porque não dizê-lo, moderno. Estamos disponíveis nos Balcões do Crédito Predial Português, BANIF - Banco Internacional do Funchal, no escritório do Bilbao Vizcaya - Sociedade de Investimentos, ou nos nossos próprios escritórios.

Rua. Castilho, 32 - 4º - 1200 LISBOA - Telef.: 352 11 67 - 352 36 68 - Fax 352 12 55  
Praça Almeida Garrett, 33 - 3º Piso - 4000 PORTO - Telef.: 38 33 32 - 38 11 09 - Fax 32 30 07

  
**Mundileasing**  
SOCIEDADE DE LOCAÇÃO FINANCEIRA, S. A.

# Fazemos da qualidade ponto assente



## CIMENTO COLA

- Cinzento
- Branco

Para colagem de peças no exterior e interior, em paredes e pisos.

## REBOCO HIDRÁULICO PRONTO PROJECTÁVEL

- Economia de custos em obra.
- Impermeabiliza o suporte.
- Não necessita da pintura.

## CAL HIDRÁULICA

- Em argamassas de enchimento, reboco e acabamento.
- Em argamassas de elevação.
- Constituinte do filler em estradas.

Excelente binómio preço - qualidade



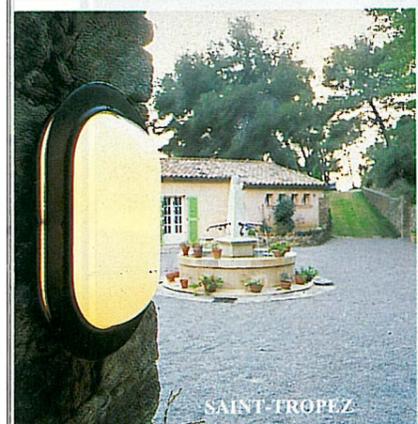
**SECIL**  
**MARTINGANÇA**  
Produtos de prestígio



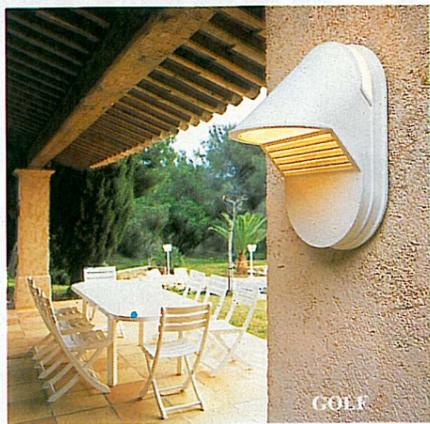
Sede e Fábrica: Apartado 2 - 2405 MACEIRA LIS • Telef.: (044) 97 103/04 - Telex: 42 022 MACMAR P - Fax: (044) 97 997  
Serviços Comerciais: Av. Duque d'Ávila, 169-3º Esq. - 1000 LISBOA • Telef.: 315 81 81/2 - Telex: 14 560 MACMAR P - Fax: 57 80 32

# Les Architecturales

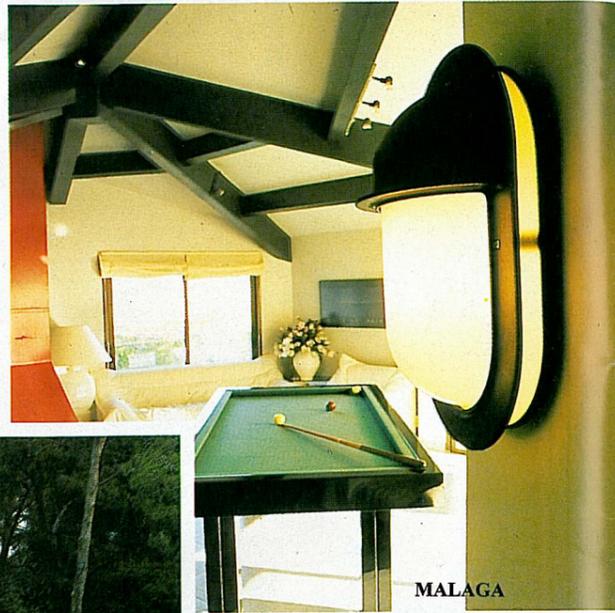
NORAL



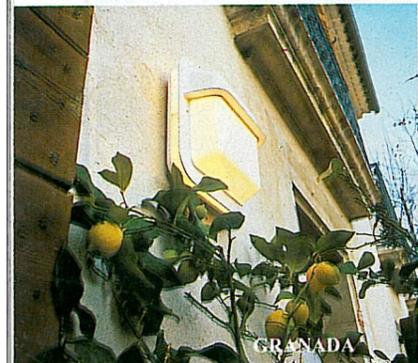
SAINT-TROPEZ



GOLF



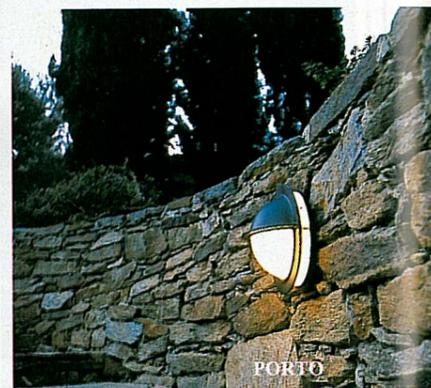
MALAGA



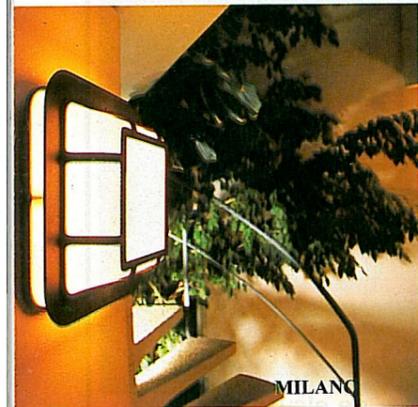
GRANADA



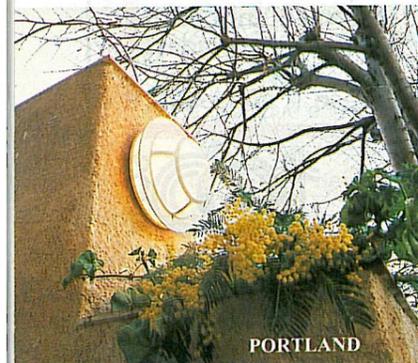
SEVILLA L3F5



PORTO



MILANO



PORTLAND



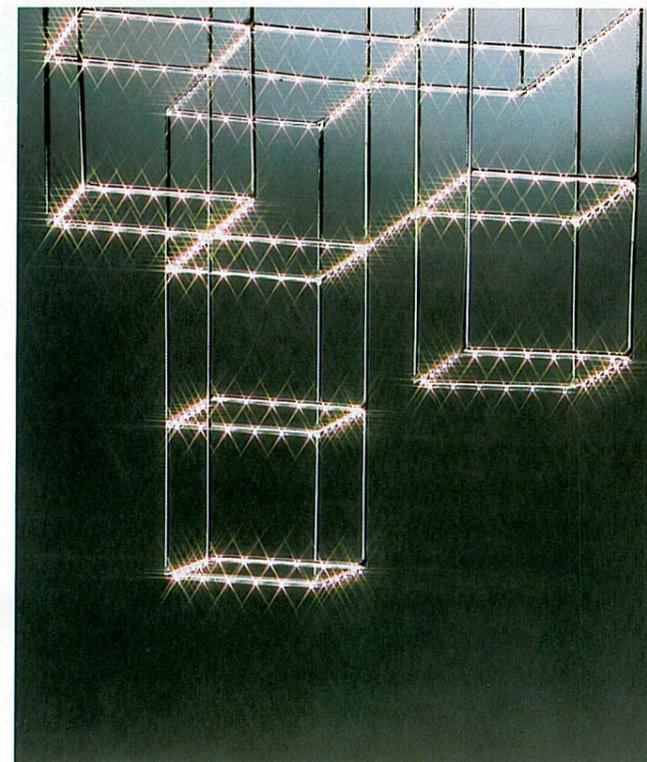
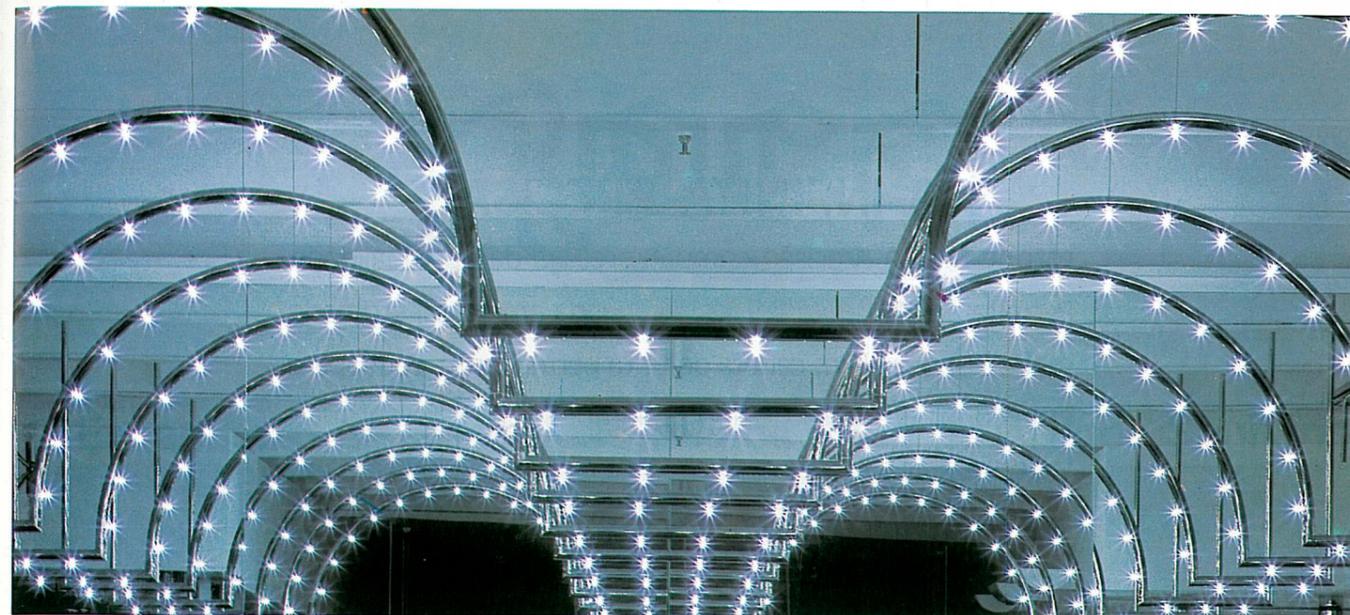
SANTA CRUZ



PATRIOT

**PROMOTECNICA**  
PROMOÇÃO TÉCNICA DE VENDAS LDA.

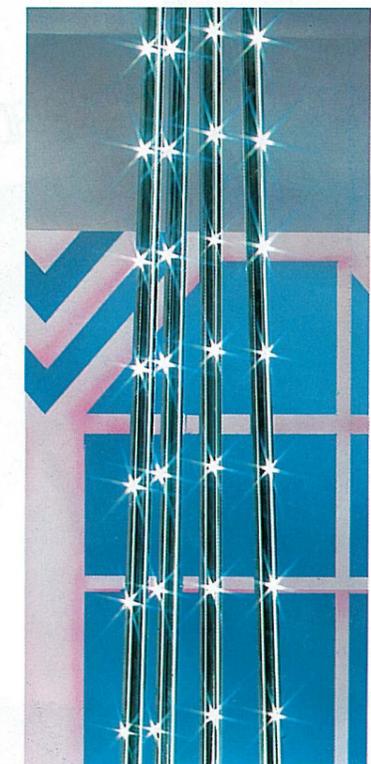
Representantes Exclusivos:  
Travessa Fábrica dos Pentos, n.º 8  
Telefone: 65 41 65 • Fax: 65 78 37 • 1200 LISBOA



Iluminação diversificada utilizando novas técnicas com lâmpadas de halogéneo

**KINKELDEY**

Sistema  
Luminax

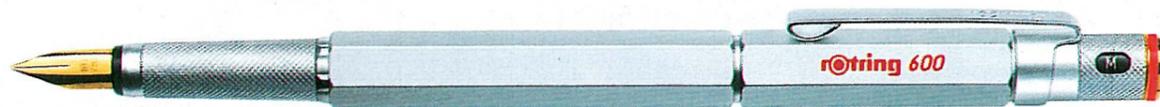


**Sotécnica**

SOCIEDADE ELECTROTÉCNICA, SA

## A INFINITA PRECISÃO

rotring 600. A precisão como expressão da personalidade. Perfeita adaptação à escrita. Fabricada em metal cromado mate. Disponível em caneta de tinta permanente, com aparo em aço ou em ouro de 18 kts. Também em esferográfica, lapiseira e trio-pen.



**rotring**  
STATE OF THE ART

# Roca

## O Escantilhão de Símbolos Gráficos Roca de Artigos Sanitários



**Agora em  
Diskette**

**OFERTA GRATUITA**

**Pedidos :**

**Roca**

Rua José Duarte Lexim, Lt. 6

2675 ODIVELAS

Telef. 01-987 76 67 / 987 55 39 Fax 987 54 05

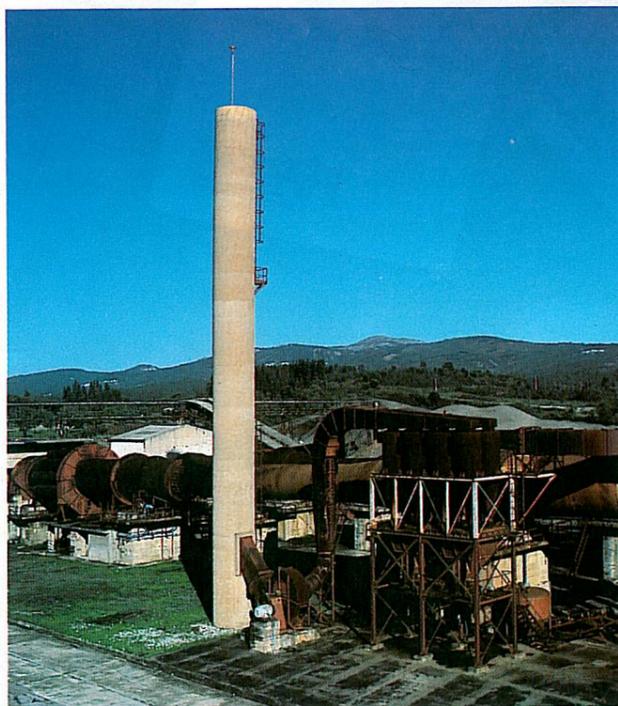
# O QUE É A LECA

## Introdução

Leca Portugal Argilas Expandidas Lda. produtora da argila expandida Leca nas suas instalações fabris de Avelar pertence ao maior grupo europeu de produção de argilas expandidas Leca a Aker Exclay Group cujas fábricas na Noruega, Suécia, Alemanha, Dinamarca, produzem em conjunto 17.000.000 m<sup>3</sup> ano.

## Como se produz

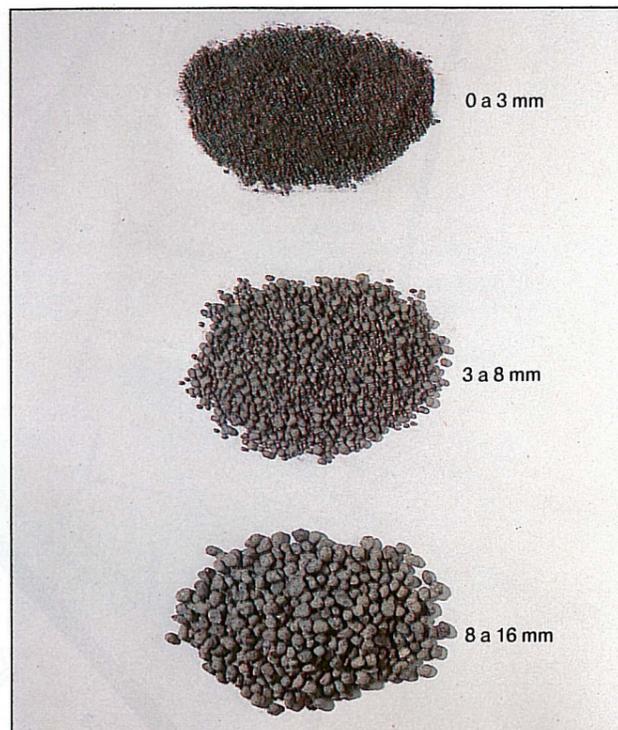
A Leca fabrica-se em grandes fornos rotativos à temperatura de 1.200°C tendo como matéria prima argila natural extraída de barreiras próprias com reservas superiores a 30 anos.



Fábrica em Avelar

## O que é a Leca

A Leca é um agregado ligeiro de argila expandida em grânulos com uma estrutura interna celular e uma dura e resistente superfície externa. Os grânulos são de forma arredondada e isentos de materiais orgânicos, combustíveis ou poluentes.



## Qualidades

Resistente à compressão  
Isolante termico e acustico  
Estabilidade dimensional e impermeabilidade  
Inerte quimico e fisico  
Facilidade de trabalho  
Resistente ao fogo  
Baixo peso especifico

## Aplicações

**Isolamentos**  
Esteiras — Terraços — Coberturas — Paredes duplas — Caixas de ar — Caves — Pisos térreos.

**Enchimentos**  
Pavimentos — Casas de banho — Regularização de cotas.

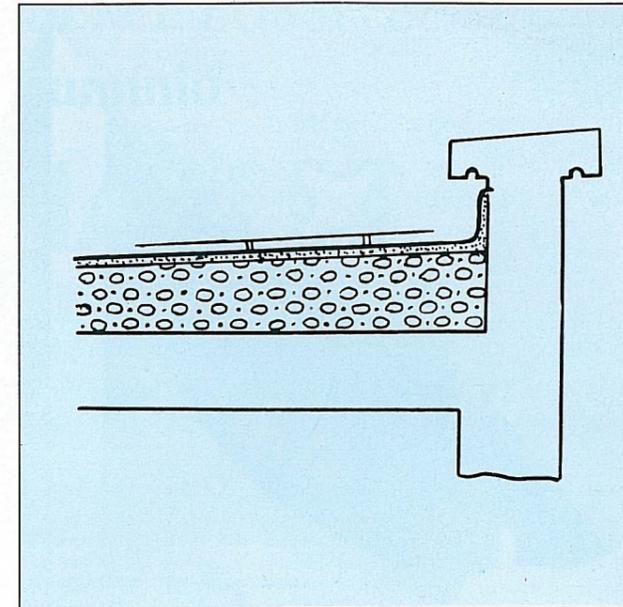
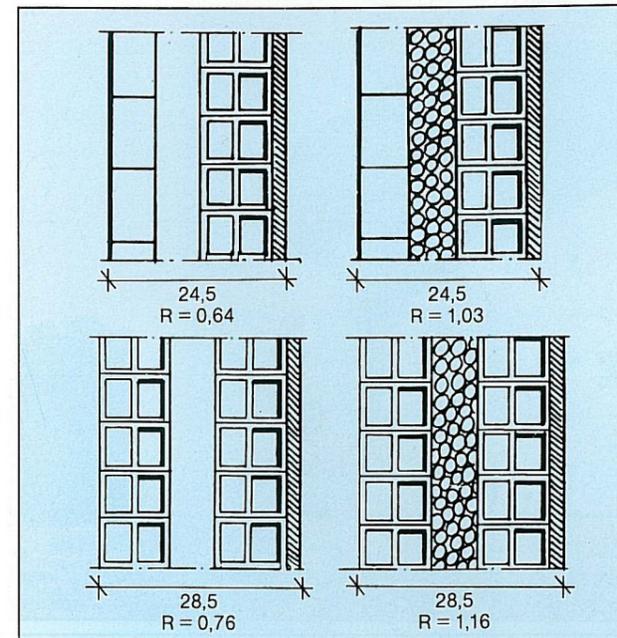
**Pré-fabricados**  
Conduitas de fumos — Caixas de estores — Molduras de vãos.

**Betões resistentes e estruturais**  
Ampliação de estruturas — Pontes para peões — Paineis fachada — Laminas de compressão.

## Isolamentos de caixas de ar

Para o isolamento termico dos edificios executam-se correntemente paredes duplas exteriores constituídas por dois panos de tijolo que formam entre si uma caixa de ar. Nem sempre a resistência termica ( $R = 1$ ) é obtida. Esta resistencia aumenta se a caixa de ar for cheia com

**Leca solta ( $\lambda$  0,09) de granulometria 8/16.**



A espessura do betão de isolamento deve ser de 8 cm (em média) e não inferior a 5 cm. As pendentes deverão ter uma inclinação de 1,5 a 2,5 cm por metro.

Deve regularizar-se a superfície utilizando uma argamassa fina de areia e cimento de traço 5:1 apenas com a espessura suficiente para a impermeabilização assentar numa base desempenada.

## Terraços

Sendo suficientemente resistente tem baixa densidade o que constitui por si só a garantia de um bom isolamento. Quanto mais grada for a granulometria e baixa for a dosagem de cimento, mais leve e isolante será o betão.

Para obter 1 m<sup>3</sup> de betão isolante Leca precisa.

1050 litros de Leca 8/16  
150 quilos de cimento  
80 litros de água

$\lambda = 0,13$  W/mK (0,11 kcal/mh°C)  
Peso = 600 kg/m<sup>3</sup>  
Resistencia mecanica = 35 kg/cm<sup>2</sup>

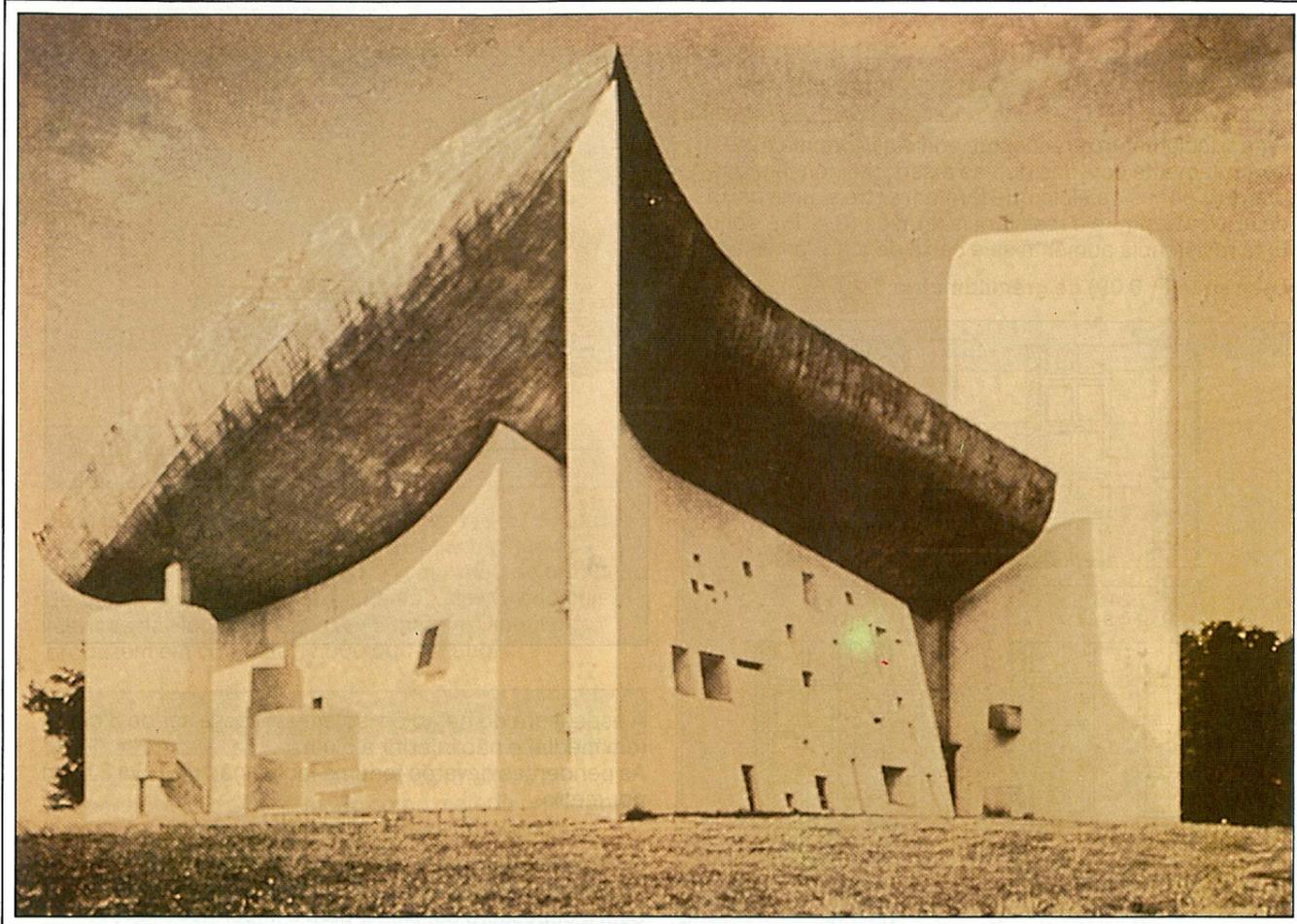
## DESEJO MAIS INFORMAÇÕES:

NOME \_\_\_\_\_  
EMPRESA \_\_\_\_\_ CARGO \_\_\_\_\_  
MORADA \_\_\_\_\_  
LOCALIDADE \_\_\_\_\_  
CÓDIGO POSTAL \_\_\_\_\_ TELEFONE \_\_\_\_\_

**Leca**<sup>®</sup>

EM TODA A CONSTRUÇÃO

Argilas Expandidas, Lda. — 3245 Avelar — Telefone: 036-32160 — Telefax 036-32166 — Telex 52 861 Lecapo P



MKM marketing

# O BESCL teria dado crédito a Le Corbusier. Porque não a si?

Quando Le Corbusier começou a defender a utilização do betão armado, provocou uma vaga de indignação estética.

Hoje é indiscutível que a arquitectura contemporânea deve muito aos projectos de Le Corbusier — um talento que não pode esquecer-se.

O BESCL sabe da importância de acreditar em quem ousa inovar.

Por isso, criou uma linha de crédito destinada a apoiar arquitectos

em início de carreira independente, inscritos na Associação dos Arquitectos Portugueses.

Fruto de um acordo entre a A.A.P. e o BESCL, esta linha de crédito concede até **90% do investimento**, no montante máximo de 10 000 contos, com **taxa de juro bonificada durante toda a operação.**

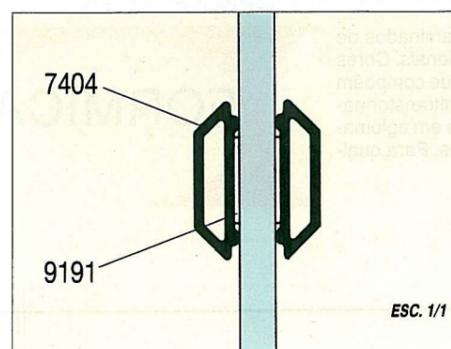
O BESCL quer apoiar o sucesso dos que agora começam uma carreira independente.

Porque não o seu sucesso?...

*Mais informações aos Balcões da vasta rede BESCL.*

O TRADICIONAL TAMBÉM É POSSÍVEL!...  
...com o Alumínio

**TECHNAL®**



A vocação do alumínio para uma estética de vanguarda, não contradiz a sua capacidade de se adaptar aos estilos tradicionais, renovando-os sem os atraiçoar. O **Perfil Decoração**, na gama de cores da paleta **TECHNAL**, é bem o exemplo desta ductibilidade, restituindo a uma janela, irresistivelmente, a sua harmonia clássica.



**BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA**

O Seu Banco de Sempre

# soluções **FORMICA®**



**Que resolvem os pequenos ou grandes detalhes que singularizam um projecto de desenho.**

FORMICA oferece as suas colecções de desenhos uma ampla gama de Laminados de Alta Pressão, fabricados com as mais rigorosas normas de qualidade internacionais. Cores lisas, crômáticas e neutras, que harmonizam com os mais diversos materiais que compõem um ambiente limpo e funcional, arquitectura interior. Utilize os elementos semitransformados em módulos standard, qualidade Postforming, empanelados sobre suporte em aglomerado, com cantos curvos para uma solução de paredes ou divisões de espaços. Para qualquer informação sobre FORMICA, dirijam-se a:



DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA PORTUGAL:

**SARDINHA & LEITE, S.A.**

Sede: Rua da Voltinha - 4415 CARVALHOS Codex - Telef. (02) 7829511 BAL  
Filial: EN 117-km. 2,3 - Qta. Grande - Alfragide - 2700 AMADORA - Telef. (01) 47155 21